

- casamento.
- rinha com Iago
- emenagements (fusto, lenço)
- mortes

100 15

genese do criado (TUDO)
o que estava fazendo



101022209
IEL
855 33 4150

João

→ Estudo sobre Othello - Stanis
Films



UNIDADE:	TEL
Nº CHAMADA	822a33
	Sh 150
V	Ex
TOMBO/BC	532509
TOMBO/IEL	77348
PROD.	17097100
C <input type="checkbox"/>	D <input type="checkbox"/>
PREÇO	17,00
DATA	11.09.02
Nº CPO	EB0000 30446

William Shakespeare

Otelo,
O Mouro de Veneza

Tradução de
Barbara Heliodora

L

kespeare, o de Desdêmona (Disdemona no original). Otelo era Christophoro Moro, Iago apenas Alfieri (Alferes); Cassio o *capo di squadra*, e assim por diante. Muito embora a trama seja seguida com considerável fidelidade, o texto italiano é apenas uma história de intriga barata e muita brutalidade, com o Alferes querendo vingar-se do Moro por ter sido rejeitado como amante por Didemona.

Mesmo por motivos bem diversos dos do insidioso Iago, o vilão italiano também usa um lenço para confirmar as suspeitas do marido “enquanto ela brinca com seu filho” (e aqui a alteração shakespeariana é crucial). Juntos, o mouro e o alferes planejam um assassinato sórdido, programando fazer cair em cima da morta um pedaço do teto do quarto, para criar a idéia de acidente.

Muito se tem escrito a respeito da questão do tempo duplo em *Otelo*: no ato I, Cássio não tem idéia de com quem se teria casado Otelo, e a ação, a partir da chegada a Chipre, quando se dá a entender que teria lugar a verdadeira noite de núpcias, termina dentro de quarenta e oito horas, o que torna absolutamente impossível toda a história do adultério de Desdêmona. Fica bastante claro que a idéia da passagem de um longo período de tempo, que tornasse plausível a acusação, vem da história de Cinthio, onde o casal chega mesmo a ter um filho; mas em Shakespeare o memorável é o tratamento que ele dá a Otelo, para quem, em sua perturbação, o tempo passa a ter um valor puramente emocional, permitindo-lhe acreditar na acusação de Iago, com a precipitação dos acontecimentos servindo para a intensificação da crise emocional.

Muito se tem escrito, igualmente, a respeito da forma como Otelo acredita em Iago, que seria de uma exagerada

ingenuidade, mas toda a obra é farta em evidências de que todos acreditavam no “honesto Iago” e o prestigiavam, não apenas o Mouro; e muito ao contrário de querer fazer de Otelo um tolo, creio que, em nenhuma outra das tragédias, Shakespeare tomou tanto cuidado para apresentar seu protagonista como nobre e respeitado. A desonestidade e a capacidade de intriga de Iago, logo na abertura da tragédia, assim como sua preocupação em retratar Otelo da forma mais desfavorável, são usadas exatamente para ressaltar a alta categoria deste a partir de sua primeira entrada; entre outras coisas, Otelo é o único general capaz de salvar Veneza...

Shakespeare, assim como seus contemporâneos, não tem maior conhecimento sobre a etnia dos mouros, e descreve Otelo (do mesmo modo que o Mouro Aaron em *Titus Andronicus*) como negro. Por isso não têm sido poucos os trabalhos interpretativos que tentam situar a tragédia como uma abordagem do problema de preconceito de cor, ou como um puro e simples caso de ciúmes. Na verdade a visão shakespeariana é mais profunda e mais ampla: a cor da pele se apresenta, penso eu, como informação fácil de chegar ao espectador, como indício dos diferentes universos culturais a que pertencem Otelo e Desdêmona. O conflito desses valores é a espinha dorsal da tragédia.

O amor, como sempre em Shakespeare, entra pelos olhos, mas para se estabelecer como uma relação sólida ele precisa encontrar pontos de contato mais amplos, menos frágeis do que simplesmente, como diz Otelo:

Ela me amou porque passei perigos,

E eu a amei porque sentiu piedade.

Dramatis Personae

- OTELO, um nobre Mouro a serviço do Estado Veneziano
- BRABANTIO, senador de Veneza e pai de Desdêmona
 - CASSIO, tenente de Otelô
 - IAGO, alferes de Otelô
- RODRIGO, um cavalheiro veneziano
- O DUQUE DE VENEZA
- Outros Senadores
- MONTANO, predecessor de Otelô no governo de Chipre
- GRAZIANO, irmão de Brabantio
- IUDOVICO, parente de Brabantio
- Cômico, criado de Otelô
- DESDÊMOMA, filha de Brabantio e mulher de Otelô
- EMILIA, mulher de Iago
- BIANCA, uma cortesã
- Marinheiro, Mensageiro, Arauto,
Oficiais, Cavalheiros, Músicos e Criados

Ato I: Veneza
Atos II a V: Chipre

Ornamentadas com termos guerreiros!

E, para concluir,

Renega aos que me apóiam: "Juro", diz,

"Que já seleccionei meu oficial."

E quem é ele?

Um grande aritmético, sem dúvida,

Um tal Michele Cassio, florentino,

Amaldiçoado com uma bela esposa,

Que nunca pôs em campo um esquadrão,

Nem sabe como as tropas são dispostas

Melhor que uma mulher; exceto em livros,

Onde os togados cónsules teóricos

São mestres, como ele: são soldados

Que falam mas não fazem. Pois foi ele

O eleito, enquanto eu, que já dei provas

Em Rodes, Chipre, e muitos outros campos,

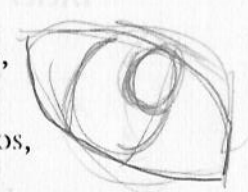
Cristãos ou não, devo encolher as velas,

Ser guarda-livros desse matemático:

Pois ele, agora, é que será tenente,

E eu, por Deus, alferes do ilustríssimo.

*pego pelo penoço
e coloco a faca que
tuei do bolso no
resto da Amanda*



*Amanda me dá
uma colar de
e caio p' trás
e pego a
faca...*

RODRIGO

Eu preferia ser o seu carrasco.

*Chute na bunda
do maraló.*

IAGO

Não há remédio; a praga da carreira

É a promoção por cartas e amizades,

E não, como antes, por antigüidade,

Com o segundo herdando do primeiro.

Julga, então, se eu tenho algum motivo

Pra amar o Mouro.

*Amanda me entrega
a faca, eu tremo
no momento exato
que pego a
Lays fala*

RODRIGO

Eu não o seguiria!

*pegando a
faca*

IAGO

Podes ficar tranqüilo!

Eu só o sirvo pra servir-me dele!

Nem todos são senhores, nem são todos

Os senhores seguidos lealmente.

Há muito tolo, preso ao seu dever,

Que encantado com a própria subserviência

Cumpre o seu tempo como asno do amo,

Só por razão; e, velho, é enxotado.

Honesto assim, pra mim, vai pra chibata.

Outros mantêm o aspecto do dever,

Mas guardam para si seus corações;

E, servindo os seus amos na aparência,

Lucram com eles; e, enchida a bolsa,

Saem honrados. Esses, sim, têm alma—

E proclamo-me um deles... pois, senhor,

Tão certo quanto tu sejas Rodrigo,

Se eu fosse o Mouro, eu não seria Iago:

Seguindo a ele eu sigo-me a mim mesmo.

Deus sabe que o dever, como o amor,

Não são pra mim; finjo só pros meus fins.

Quando o que eu faço revelar aos outros

O aspecto e os atos do meu coração

No exterior, hão de me ver em breve

A carregar na mão o coração,

Pra dar aos pombos: não sou o que sou.

*vivo o
resto
ate
alcan*

*pl
Amanda*

vivo p/ Lays

Que minha filha não é para ti;
E agora como louco, farto e bêbado,
Com bravura maldosa ousas vir
Perturbar meu repouso?

RODRIGO

Senhor, senhor...

BRABANTIO

Mas tu deves saber
Que em sangue e posição tenho poder
Pra fazer-te amargar.

RODRIGO

Senhor, paciência.

BRABANTIO

Por que falas de roubo? Isto é Veneza,
Não moro em granja...

RODRIGO

Vetusto Brabantio,
Com a alma pura e simples aqui venho...

IAGO

Pelas chagas de Cristo, senhor, parece ser dos que não servem a Deus nem que o diabo apareça. Porque aqui viemos para prestar-lhe um serviço, julga-nos rufiões; terá sua filha coberta por um garanhão da Barbaria; terá netos que relincham, terá corcéis por primos e ginetes por consangüíneos.

BRABANTIO

Que infeliz profano és tu?

IAGO

Alguém, senhor, que lhe vem dizer que sua filha e o Mouro estão agora formando a besta de duas costas.

BRABANTIO

És um vilão.

IAGO

E tu um senador.

BRABANTIO

Hás de responder por isso, Rodrigo.

RODRIGO

Respondo tudo, senhor; mas só pergunto
Se é seu prazer e sábia aquiescência
(Parece ser) que sua bela filha,
No lusco-fusco alerta desta noite,
Fosse levada, sem melhor escolta
Que um laçao comum, um gondoleiro,
Ao chulo abraço de um lascivo Mouro.
Se já sabia disso e o permitira,
Fomos rudes e ousados com o senhor;
Mas não sabendo, diz-me a etiqueta
Que é injusta a sua ira, pois não creia
Que, abandonando toda cortesia,
Eu viesse brincar com a sua honra.
Sua filha (sem sua permissão,
Repito) fugiu-lhe com baixeza,
Ligando herança, espírito e beleza
A um estranho errante e extravagante,
Sem rumo certo. Veja por si mesmo;

Às armas! Tragam quem 'stá de vigília!
Eu honrarei teus favores, Rodrigo. *(Saem.)*

Cena II

O Sagitário.

(Entram Otelo, Iago e criados, com tochas.)

IAGO

Na guerra matei homens por ofício,
Mas tenho como base de consciência
Jamais matar com premeditação.
Falta-me o mal que tanta vez nos serve.
Pensei dez vezes em furar-lhe o peito.

OTELO

Melhor assim.

IAGO

Não; ele matraqueava
Usando tais baixeças ofensivas
Contra a sua honra,
Que a pouca santidade que me é dada
É que me fez aguentá-lo. Mas, ouça,
Está mesmo casado? Pois, por certo,
O magnífico é mais do que estimado
E tem a seu dispor voto tão forte
Quanto o do Duque; ele há de divorciá-lo,
Ou de impor-lhe as restrições ou penas
Que a lei (dado o poder que tem pra usá-las)
Lhe permitir.

OTELO

Que se queixe à vontade;
O muito que eu servi à Signoria
Há de falar mais alto; o que não sabem —
E quando gabolice trouxer honra,
Hei de dizê-lo — minha vida e sangue
Vêm de estirpe real. Meus muitos méritos
Com a cabeça erguida fazem frente
A essa grande fortuna que alcancei.
Pois saiba, Iago, que não fora o amor,
Que à suave Desdêmona eu dedico,
Minha vida sem teto e sem amarras
Eu não restringiria, nem que fosse
Por todo o mar. Mas que luzes vêm lá?

IAGO

É o pai, com os amigos que alertou.
É bom entrar.

OTELO

Eu, não; que eles me encontrem:
Meus feitos, títulos, minh'alma íntegra,
Hão de falar por mim; são eles, mesmo?

IAGO

Por Janus, parece que não.

(Entram Cassio e oficiais, com tochas.)

OTELO

São agentes do Duque e o meu Tenente.
Que a bondade da noite os cubra, amigos!
O que há de novo?

●TELO

Parem todos!

Guardai as vossas lâminas brilhantes
Antes que o orvalho venha enferrujá-las.
Sua idade, senhor, comanda mais
Que as suas armas.

BRABANTIO

*Pra onde quer que eu
vã p/ ouvir a acusação?*

Ladrão, onde escondeste a minha filha?
Sendo danado, tu a encarceraste;
Pois eu pergunto a tudo o que é sensível
(Não sendo preso por grilhões de mágica)
Se uma jovem feliz, suave e bela,
E tão infensa às bodas que fugiu
À corte dos mais ricos dentre os nossos,
Haveria jamais (pra ser chacota)
De fugir da tutela pro negrume
De um peito como o teu, que só traz susto?
Julgue o mundo se não fica bem claro
Que nela usaste sórdidas magias
E violaste a sua juventude
Com drogas que enfraquecem a vontade.
É o provável e exijo julgamento.
Portanto aqui o prendo e o acuso
Como faltoso ao mundo e praticante
De artes proibidas e ilegais;
Agora amarrem-no e, se resiste,
Que corra os riscos de ser dominado.

OTELO

Parem todos, de uma e outra partes:
Fosse meu caso a luta, e o saberia

Sem seus conselhos; pr'onde quer que eu vá
Ouvir a acusação?

BRABANTIO

Pra prisão, até quando
A lei, em seu tempo e seu processo,
Pedir-lhe contas.

OTELO

E, se o obedeco,
Como satisfazer, então, ao Duque, ?
Cujos arautos aqui me ladeiam
E, por questão de Estado, agora urgente,
Levam-me a ele?

OFICIAL

É verdade, senhor;
O Duque está em conselho, e estou bem certo
Fostes chamado.

BRABANTIO

O Duque está em conselho?
A esta hora da noite? Pois que o levem;
A minha causa é séria, e o próprio Duque,
Bem como os meus irmãos neste governo,
Sentirão esta ofensa como sua.
Pois se um ato desses for coonestado,
Pagãos e escravos vão reger o Estado. (Saem.)

(*Entra um Mensageiro.*)

MENSAGEIRO *Paula*

Os Otomanos, reverendos amos,
Navegando direto para Rodes,
Lá fizeram junção com um'outra frota —

SENADOR 1

Como pensávamos; de quantas velas?

MENSAGEIRO

Umás trinta que, corrigido o rumo,
Voltam atrás e singram francamente
Com rumo a Chipre. E o Senhor Montano,
Seu servidor fiel e corajoso,
Por seu livre dever se recomenda
E roga-lhes que o creiam no que diz.

DUQUE

Então é mesmo Chipre.
Não está na cidade Marcus Lucius?

SENADOR 1

Está em Florença.

DUQUE :

Escrevam-lhe que parta, a toda pressa.

SENADOR 1

Lá vem Brabantio, com o bravo Mouro.

(*Entram Brabantio, Otelo, Cassio, Iago, Rodrigo e Oficiais.*)

DUQUE

Bravo Otelo, é preciso usá-lo agora

*A mãe deca a compun mentar
e eu dos seus pes d compun mentando*

Contra o inimigo turco de nós todos.

(*para Brabantio*) Eu não o vi; bem-vindo, bom senhor;

Hoje eu preciso seu conselho e ajuda.

BRABANTIO

E eu do seu; com perdão de sua graça,
Nem meu posto, nem nada neste assunto
Despertou-me; e nem a causa pública
Possui-me agora, já que a minha dor
É inundação de natureza tal
Que engole e engloba qualquer outra mágoa,
Mas permanece a mesma.

DUQUE

O que é que houve?

BRABANTIO

A minha filha!

DUQUE

Morta?

BRABANTIO *Amanda*

Sim, pra mim.

Ela me foi roubada, e corrompida
Por drogas, sortilégios de ciganos;
Pois errar de tal modo a natureza
(Sem ser deficiente, cega ou falha)
É impossível sem mágia.

DUQUE

Seja quem for que assim, com sordidez,
Desse modo enganou a sua filha

Conquistou com veneno o amor da moça?
Ou veio ele de um pedido honesto
E de doces questões que alma com alma
Se permitem?

OTELO

para frente
Eu peço humildemente
Que alguém a vá buscar no Sagitário,
E que ela fale ao pai a meu respeito.
Se em seu relato eu parecer faltoso,
Que o posto e a confiança que me deram
Não só eu perca, mas que a sua sentença
Me leve a vida.

DUQUE

Vão buscar Desdêmona.

OTELO

Iago está a par; que seja o guia.
(Saem Iago e dois ou três criados.)
E até que venha, assim como confesso
Aos céus tudo que é vício do meu sangue,
Assim aos seus ouvidos narrarei
Como ganhei o amor da bela jovem,
E ela o meu.

DUQUE

Pois fale, Otelô.

OTELO

Seu pai me amava e, ao convidar-me,
Sempre indagava sobre a minha vida,
Ano por ano; os cercos e batalhas

Por que passei.

Eu revi tudo, desde a minha infância
Até o momento em que me fez falar.
Falei então de acazos desgraçados,
De atos terríveis em dilúvio e campo;
Como escapei da morte por um triz,
Como fui prisioneiro do inimigo,
Vendido como escravo e redimido;
E, junto a isso, o quanto viajei.

Falei de vastos antros, de desertos,
De rochas cujos topos vão aos céus.
Foi minha sina, pois tais são os fatos:
Também dos canibais, que se entrecodem,
E de antropófagos, cujas cabeças
Lhes crescem entre os ombros; a escutar-me

Desdêmona tendia seriamente;
Os trabalhos da casa a afastavam,
Mas tão logo depressa os atendesse,
Ela voltava e com ouvido sôfrego
Devorava o narrado; eu, ao notá-lo,
Achei uma hora livre e consegui
Ouvir dela um pedido emocionado,
Pra que eu contasse todo o meu caminho,
Do qual só lhe coubera ouvir pedaços,

Sem atenção. Com isso eu concordei
E muitas vezes arranquei-lhe lágrimas
Ao relatar passagem mais terrível
Vivida quanto jovem/Terminando,
Ela pagou-me as penas com suspiros;
Jurou-me que era estranho, muito estranho;

Do que a fortuna impede de evitar
A paciência ri, se alguém chorar.
O roubado que ri rouba o ladrão,
Rouba a si mesmo o que lamenta em vão.

BRABANTIO

Então pr'os turcos Chipre pode ir;
Não a perdemos, pois basta sorrir.
Agüenta bem a pena quem agüenta
Só palavras de apoio que acalenta;
Mas quem agüenta da sentença a dor,
Com paciência paga o seu valor.
Sentenças de sabores contrastados
Confundem, sendo fortes pr'os dois lados.

DUQUE

O turco, fortemente preparado, ruma para Chipre;
Otelos, as condições de força dessa praça lhes são mais
conhecidas do que a ninguém, e embora tenhamos lá
um substituto de reconhecida eficiência, mesmo assim
a opinião geral, a grande soberana da eficácia, lhe dá
seu voto de maior segurança: terá portanto de empanar
o brilho de sua recente fortuna, com esta expedição
mais rude e retumbante.

OTELO

Senadores, o hábito tirano
Fez do leito metálico da guerra
O meu colchão de plumas reconheço
Encontrar alegria natural
Em tal rudeza e 'stou pronto a engajar-me
Na guerra de hoje contra os Otomanos.

Humildemente, então, peço ao Estado
Pra minha esposa providências justas,
Segundo o seu lugar, e tratamento
Que acorde com o seu berço.

DUQUE

Se o quiser,
Que seja com o pai dela.

BRABANTIO

Isso eu não quero.

OTELO

Nem eu.

DESDÊMOMA

Nem eu também lá ficaria
Para trazer incômodo a meu pai,
Por ter-me ante os seus olhos. Senhor Duque,
Prestai vosso alto ouvido à minha história,
Para que eu possa, com a vossa voz,
Fortalecer minha simplicidade.

DUQUE

Diga o que desejar.

DESDÊMOMA

Que amava o Mouro pra viver com ele
A minha violência e desafio
Gritam ao mundo. Assim, meu coração
Aceita a profissão de meu senhor:
Vi o rosto de Otelos em sua mente,
E à sua honra e à sua valentia

OTELO

Aposto a vida em sua honra. Iago,
A ti devo entregar minha Desdêmona.
Peço que tua mulher a ajude em tudo,
E a traga-me depois, com toda a pompa.
Vamos, Desdêmona; uma hora apenas
De amor e providências mais mundanas,
Obedecendo ao tempo é o que nos resta.

(Saem Otelô e Desdêmona.)

RODRIGO

Iago!

IAGO

O que queres, meu coração?

RODRIGO

O que acha que eu devo fazer?

IAGO

Ora; ir para a cama, dormir.

RODRIGO

Vou afogar-me imediatamente.

IAGO

Se o fizeres, não contes nunca mais com o meu amor.
É por que, meu tolo cavalheiro?

RODRIGO

Viver é uma bobagem, se é tormento; e a receita que
temos é morrer, se a morte é nosso médico.

IAGO

Mas que vergonha! Já olhei o mundo quatro vezes sete
anos e sei distinguir o benefício da injúria. Nunca en-
contrei um homem que soubesse amar a si mesmo: antes
de dizer que iria afogar-me por causa de uma frangota,
trocara minha condição de homem pela de um macaco.

RODRIGO

O que devo fazer? Confesso ser vergonha amar tanto,
mas não tenho em mim virtude para evitá-lo.

IAGO

Virtude? Ora, pílulas! É em nós mesmos que somos
assim ou assim: nossos corpos são jardins, dos quais
nossas vontades são os jardineiros, de modo que pode-
mos plantar urtigas, ou semear alfaces, criarmos hissopo
ou arrancarmos ou colhiemos tomilho; cultivá-lo com
um gênero de ervas ou dispersá-lo com muitas; tê-lo
estéril pelo ócio ou estrumado pela indústria — ora, o
poder, como a autoridade corretora dele reside em
nossa vontade. Se a balança de nossas vidas não tivesse
uma medida de razão para contrabalançar a outra meta-
de de sensualidade, o sangue e a baixeza de nossas natu-
rezas nos conduziriam a conclusões desatinadas. Porém
nós temos razão para esfriar nossas emoções mais desa-
bridadas, nossas ferroadas carnavais, nossa luxúria descon-
trolada; o que me leva a tomar isso que tu chamas de
amor por ramo ou enxerto.

RODRIGO

Não pode ser.

IAGO

Anda, vai; adeus! Põe dinheiro em tua bolsa.

(sai Rodrigo)

Faço assim de meu bobo minha bolsa.

Seria profanar o que aprendi

Gastar meu tempo com um palerma desses,

Senão pra lucro meu; odeio o Mouro,

E dizem por aí que em meus lençóis

Ele fez meu papel; não sei se é certo...

Mas, para mim, só suspeitar é o mesmo

Que certeza, no caso. Ele me estima,

O que me facilita abusar dele.

Cassio é direito. Eu preciso pensar...

Pra ter-lhe o posto, e cumprir meu desígnio,

Baixeza dupla.... Como? Deixe eu ver.

Depois de um tempo, sussurrar a Otelu

Que Cassio é muito livre com sua esposa:

Ele é suave de aspecto e de maneiras,

Tem jeito de fazer mulher trair.

O Mouro é de nascença franco e aberto,

Julgando honesto quem o aparenta,

Tão fácil de levar pelo nariz

Quanto um asno.

'Stá planejado. O inferno e a escuridão

Pro nosso mundo o monstro parirão. *(Sai.)*

Ato II

Cena I

Um porto em Chipre.

(Entra Montano, com dois Cavalheiros.)

MONTANO

Do cabo, o que se pode ver no mar?

CAVALHEIRO 1

Nada; a maré está alta e revolta;

E eu não consigo, entre o céu e as ondas,

Ver qualquer vela.

MONTANO

Parece-me que o vento grita, em terra,

E sacode as muralhas como nunca;

Se maltratou assim também o mar,

Que viga de carvalho, ante tais ondas,

Fica no encaixe?... Que novas teremos?

CAVALHEIRO 2

A desagregação da frota turca;

Pois basta olhar da praia espumejante

Pra ver as cristas atacando o céu.

É especialista mais que comprovado.
Minha esperança, pois, sem ser extrema,
Tem boa base.

(FORA)

“Uma vela! uma vela! uma vela!”

(*Entra um Mensageiro.*)

CASSIO

Que barulho é esse?

MENSAGEIRO

‘Stá vazia a cidade. À beira-mar
Juntou-se o povo, e gritam “Uma vela!”

CASSIO

Que espero seja a do governador. (*Uma salva.*)

CAVALHEIRO 2

Foi disparada a salva em cortesia;
É amigo.

CASSIO

Senhor, peço que vá
Saber ao certo quem está chegando.

CAVALHEIRO 2

Já vou. (*Sai.*)

MONTANO

Mas, bom Tenente, o general casou-se?

CASSIO

Com grande sorte, conquistou donzela
Que supera retratos e elogios,

Que fica além da pena que mais louva,
E simplesmente como foi criada
É marco de excelência.

(*Volta o Cavalheiro 2.*)

Quem chegou?

CAVALHEIRO 2

O alferes do general, um tal Iago.

CASSIO

Teve bons ventos para a travessia:
Até o mar, a tempestade e os ventos,
Rochas profundas, e bancos de areia,
Armadilhas pra quilhas inocentes,
Sensíveis à beleza, repudiam
Sua natureza e deixam passar livre
Desdêmona divina.

MONTANO

Quem é ela?

CASSIO

A capitã de nosso capitão.
Foi escoltada pelo bravo Iago,
Cuja arribada adiantou-se até
Ao pensamento. Zeus, protege Oteló
E enfuna as suas velas com teu sopro,
Pra sua nau abençoar a praia
E ele correr pros braços de Desdêmona,
Reacender nosso espírito abafado
E trazer conforto a Chipre...
(*Entram Desdêmona, Iago, Emília e Rodrigo.*)
Mas vejam —

*ler esse pedoco
junto a Iago
algumas boas
características*

IAGO

E nem eu fazê-lo.

DESDÊMONA

Que diria de mim, para louvar-me?

IAGO

Senhora, não me peça que o faça,
Pois sempre fui um crítico ferrenho.

DESDÊMONA

Vamos, tente. Alguém já foi ao porto?

IAGO

Foi, senhora.

DESDÊMONA

Não 'stou alegre, mas vou disfarçando
O que estou, dando aspecto de outra coisa.
Vamos ver! Como, então, me louvaria?

IAGO

'Stou pensando, porém minha invenção
Foi grudada, parece, na cabeça,
Secando o cérebro. Mas minha Musa
Trabalhou muito, e agora já parteja:
Se a bela é clara e sensata também.
Uma é pra uso, a outra pr'usar bem.

DESDÊMONA

Muito bem! E se for escura e viva?

IAGO

Se viva, mesmo sendo imitação,
Um branco há de escolher-lhe a escuridão.

DESDÊMONA

'Stá piorando.

EMÍLIA

E se for linda e tola?

IAGO

Ser tola a moça linda eu nunca vi:
A bela faz tolinhos para si.

DESDÊMONA

Esses são paradoxos velhos e bobos, que fazem os tolos
rirem nas tascas. Que elogio mísero não tem você, en-
tão, para a que é tola e feia?

IAGO

Nunca houve ninguém tão tola e feia
Que, como a bela, não armasse teia.

DESDÊMONA

Mas quanta ignorância! Faz o melhor elogio para a
pior. E que elogio faria você a uma mulher realmente
merecedora? Àquela cuja autoridade, por seu mérito,
exigisse o bem até da própria maledicência?

IAGO

Aquela que foi bela sem orgulho;
Teve ouro porém não se excedendo;
Ao desejo fugiu, mesmo podendo;
À que irada, e com vingança ao lado
Deixou fugir o desprazer tomado;
A que o saber não fez, enfraquecida,
Tomar gato por lebre nesta vida;
A que pensou sem nunca contar nada,

OTELO

Amém aos deuses!

Não consigo falar de tanto bem.

Ele sufoca; é alegria demais.

(beijam-se)

E seja este o auge da discórdia

De nossos corações.

IAGO *(à parte)*

'Stá afinado!

Mas eu solto a cravelha dessa música!

Juro que solto.

OTELO

Vamos pro castelo.

Os turcos se afogaram; foi-se a guerra.

Como estão meus amigos na cidade?

Você será benquista em Chipre, amada;

Sempre encontrei amor aqui. Doçura,

Falo demais e fico degustando

Meu bem-estar. Por favor, bom Iago,

Desembarque no cais os maus baús;

Conduza o Mestre até a cidadela —

Ele é dos bons, e sua competência

Pede respeito. Vem, então, Desdêmona;

Repito que é feliz o encontro em Chipre!

(Saem todos menos Iago e Rodrigo.)

IAGO *(A soldados que saem.)*

Me encontrem logo, logo, no porto. *(A Rodrigo)* Vem

cá! Se és valente — e dizem que os piores homens,

quando apaixonados, passam a ter uma nobreza de natureza maior do que a que lhes é inata — escuta-me. O Tenente está de vigília esta noite, no pátio da guarda. Primeiro, preciso dizer-te o seguinte: Desdêmona está abertamente apaixonada por ele.

RODRIGO

Por ele? Ora, não é possível!

IAGO

Tapa a boca e deixa tua alma ser aconselhada. Lembrete da forma violenta por que ela se apaixonou pelo Mouro, só por ele se gabar e contar umas mentiras fantásticas. Será que iria continuar a amá-lo por sua tagarelice? Que o teu criterioso coração nem pense nisso. Os olhos dela precisam ser alimentados. E que prazer terá ela em olhar para o diabo? Quando o sangue ficar anestesiado com o ato da luxúria, teria de haver, para reinflamá-lo e dar à saciedade novo apetite, encanto de aspecto, sintonia de idade, hábitos e beleza; e em tudo isso o Mouro peca pela falta. E por sentir falta dessas conveniências desejadas, sua delicada ternura acabará por sentir-se abusada, começará a sentir engulhos, a não apreciar e a abominar o Mouro. A própria natureza vai instruí-la nisso, e empurrá-la para uma segunda escolha. E então, meu senhor, uma vez isso admitido — que é uma conclusão muito ponderada e nada forçada — quem fica tão eminentemente qualificado quanto Cassio? Um crápula muito volúvel, que pouco se importa de apresentar os modos mais cortes e corretos para ter oportunidade de alcançar seu desejo e sua

E não só por luxúria (embora incorra
Em pecado de monta equivalente),
Mas sou movido, em parte, por vingança,
Já que suspeito que o lascivo Mouro
Ocupou meu lugar; e pensar nisso
Me tritura as entranhas qual veneno;
Minh'alma não irá se contentar
Antes do acerto, mulher por mulher;
Ou quero, ao menos, afundar o Mouro
Em um ciúme tão desatinado
Que o pensar não dá cura. E para isso
Se esse lixo de Veneza, que instigo
Pra caçar mais depressa, cumpre o trato,
Eu consigo alcançar Michele Cassio,
O acuso como quero junto ao Mouro,
(Creio que ele também usou-me a cama),
E faço o Mouro, grato, por amor
Pagar-me por fazê-lo egrégio asno,
E perturbar sua paz e paciência
Até a loucura. É isso; está confuso,
Mas safadeza só se vê com o uso. (Sai.)

Cena II

*Chipre. Diante do castelo de Otelo.
(Entra o Arauto de Otelo, com uma proclamação.)*

ARAUTO

É desejo de Otelo, nosso nobre e amado general, que,
em função de certas novas ora chegadas, informando da

total perda da esquadra turca, que todos comemorem o
triufo, alguns dançando, alguns fazendo fogueiras,
cada um se divertindo e celebrando como sua prefe-
rência quiser. Pois além dessas boas novas, estarão co-
memorando suas núpcias. Assim desejou que fosse pro-
clamado. Todos os locais públicos já estão abertos, e
estão todos livre para festejar desde agora, às cinco ho-
ras, até o sino badalar as onze. Que o céu abençoe a ilha
de Chipre e nosso nobre general Otelo!

Cena III

*Chipre. Dentro do castelo
(Entram Otelo, Desdêmona, Cassio e criados.)*

OTELO

Faça guarda hoje à noite, bom Michele:
Fiquemos nós em limites honrosos,
Que não firam a discrição.

CASSIO

Iago já deu ordens para tudo:
Mas mesmo assim estarei, em pessoa,
Olhando tudo.

OTELO

Iago é muito sério;
Boa noite, Michele, amanhã cedo
Venha falar comigo; amada, vamos:
A compra feita, hão de seguir-se os frutos,
Os lucros 'stão por vir, para nós dois.
Boa noite.

Proger carnal!

Aqui!!!

Que cachorro de moça...E o pateta
Do Rodrigo, que por amar Desdêmona
Está insano, já festejou muito,
E bebeu mais ainda, está de guarda:
Três jovens cipriotas, fanfarrões
Que botam lá no alto a sua honra,
E tipificam os brilhos da ilha,
Já saturei de bebida esta noite,
E também 'stão de guarda. Co'esses bêbados
Eu meto Cassio em uma confusão
Que ofende a ilha toda.

(Entram Montano, Cassio, e outros.)

Aí vêm eles.

Se disso tudo eu colher o que sonho,
Meu velame 'stará bem enfumado.

CASSIO

Eu sei que já tomei uma rodada.

MONTANO

Só um pouquinho, só uma caneca,
Palavra de honra.

IAGO

Olá, tragam vinho!

(Ele canta.)

Deixe a caneca canecar!
Deixe a caneca canecar!
Um soldado é um varão,
A vida não dura, não,
Soldado só quer entornar!
Vinho, rapazes!

CASSIO

Palavra que é uma canção e tanto!

IAGO

Aprendi na Inglaterra, onde eles são de fato uns bebedores poderosos: os dinamarqueses, os alemães, até os holandeses pançudos—vamos, bebam! — não são nada perto dos ingleses.

CASSIO

Mas o inglês é mesmo assim tão bom de bebida?

IAGO

Ora, ele derruba facilmente qualquer dinamarquês; para ganhar de alemão, nem sua; e o holandês já esta vomitando enquanto o inglês enche mais um canecão.

CASSIO

À saúde do nosso general!

MONTANO

Apoiado, tenente; e aqui está o meu, também!

IAGO

À doce Inglaterra!

(Ele canta.)

“O Rei Estevão era um bom rapaz
Cujas calças custam uma coroa;
Para ele seis *pence* eram demais
E o alfaiate um sujeito à toa.
Ele é homem de fama e coração,
E você não passa de ralé;
O orgulho é que estraga esta nação,

*Darei aqui
21 Junho 2010*

(Entra Rodrigo.)

IAGO *(à parte, a ele)*
Como é, Rodrigo,
Vá atrás do tenente, como eu peço. *(Sai Rodrigo.)*

MONTANO
É uma pena, mesmo, que o nobre Mouro
Ponha em risco um tal posto de comando
Com alguém que sofre desse mal inato:
Seria ação honesta ir contá-lo
Ao Mouro.

IAGO
Mas eu, nem por toda a ilha:
Gosto de Cassio, e faria de tudo

VOZES FORA
“Socorro!” “Socorro!”

IAGO
Pra curá-lo do mal: — mas o que é isso?
(Entra Cassio, empurrando Rodrigo.)

CASSIO
Raios, calhorda, vagabundo!

MONTANO
Mas o que foi, tenente?

CASSIO
Um safado, a me ensinar a dar guarda! Mas eu amasso o
safado com uma garrafa de palha.

RODRIGO
Me amassa?

CASSIO
E ainda fala, crápula? *(Bate em Rodrigo.)*

MONTANO
Bom tenente; por favor, abaixe a mão.

CASSIO
Me largue, ou eu lhe arrebento a cabeça.

MONTANO
Vamos, vamos, o senhor está bêbado.

CASSIO
Bêbado? *(Eles brigam.)*

IAGO *(à parte a Rodrigo)*
Depressa, vá gritar que há um motim.
(Sai Rodrigo.)
Não, bom tenente; pelo amor de Deus,
Socorro, amigos! Tenente! Montano!
Ajudem, afinal isto é uma guarda,
(Soa um sino.)
Quem 'stá tocando o sino? — Ora, diabos...
Acordou a cidade; por Deus pare!
Tenente, isso o mancha para sempre.

(Entram Otelo e Cavalheiros, armados.)

OTELO
O que houve aqui?

MONTANO
Diabo, 'stou sangrando,
'Stou ferido, é mortal.

Me perderá: numa cidade em guerra,
Perturbada, e com o povo apavorado,
Criar batalhas pessoais, domésticas,
À noite, e no pátio onde se guarda?
É monstruoso, Iago. Quem fez isso?

MONTANO

Se por conluio ou por peso de posto
Não contar a verdade pura e simples,
Não é soldado.

IAGO

Não me agrida assim,
Eu prefiro perder a minha língua
Que ter de macular Michele Cassio;
Mas creio que dizer o que é verdade
Não poderá feri-lo. General:
'Stando Montano e eu a conversar,
Chegou alguém, gritando por socorro,
E atrás dele, Cassio, com uma espada
Em riste: e Montano, com cortesia,
Pedi a Cassio que parasse logo;
Eu atendi o outro, que gritava,
Pra que a cidade (como aconteceu)
Não se assustasse; porém ele, rápido,
Escapou-me; e eu então voltei,
Por ouvir o canglor dessas espadas,
E Cassio, com blasfêmias que até hoje
Não o ouvira usar: quando voltei
(Foi tudo rápido), eles 'stavam juntos,
Atracados e aos murros, como estavam

Quando o senhor chegou para apartá-los.
Mais do que isso não sei relatar,
Mas sei que todo homem cai em falta;
E embora Cassio o possa ter ferido,
Como se faz na raiva até a um amigo,
'Stou certo de que Cassio também teve
Do outro que fugiu alguma ofensa,
Que não pôde engolir.

OTELO

Bem sei, Iago,
Que é por honestidade e amor que fala
Favorecendo Cassio: Cassio, eu o amo,
Mas nunca mais pra oficial dos meus.
(*Entram Desdêmona e outros.*)
Veja que despertou o meu amor!
Você será um exemplo!

DESDÊMONA

O que é que houve?

OTELO

'Stá tudo bem; vamos deitar, doçura;
Senhor, de suas feridas cuido eu mesmo;
Podem levá-lo. (*Montano é levado embora.*)
Iago, olha bem pela cidade,
E acaba com essa briga desastrada.
Vamos, querida; vida militar
Deita em paz e acorda pra lutar.
(*Saem todos menos Iago e Cassio.*)

CASSIO

Se eu lhe pedir meu posto de volta, ele há de me dizer que sou um bêbado: tivesse eu tantas bocas quanto a Hidrae tal resposta as taparia todas: ser agora um homem sensato, daí a pouco um tolo, e logo adiante uma fera! Todo copo desatinado é maldito, tudo o que ele contém, um demônio.

IAGO

Ora vamos, o bom vinho é uma criatura familiar, sendo bem usado; deixe de clamar contra ele; e, bom tenente, creio que sabe que o amo.

CASSIO

Creio que já o provei, senhor... eu, bêbado!

IAGO

O senhor, como qualquer homem vivo, pode ficar bêbado a algum momento: eu lhe direi o que fará... A esposa de nosso general é agora o general; posso dizê-lo pelo seguinte, que ele está totalmente devotado e entregue à contemplação, à observação e à apreciação de todas as suas partes e graças. Confesse-se livremente a ela, importune-a para que ela o ajude a reconquistar seu posto; ela é tão franca, tão bondosa, tão viva, de disposição tão abençoada, que considera defeito, em sua bondade, não fazer mais do que lhe pedem. Essa briga entre o senhor e o marido dela, peça-lhe que remende, e ponho meu futuro contra qualquer aposta de monta, que a rachadura em seu amor ficará ainda mais forte do que era antes.

CASSIO

É bom conselho.

IAGO

E, eu garanto, dado com a sinceridade do amor, e na mais pura bondade.

CASSIO

Vou pensar bem, e logo de manhã irei rogar à virtuosa Desdêmona que se empenhe por mim; eu desespero de qualquer futuro, se for dispensado aqui.

IAGO

E tem razão. Boa noite, tenente; tenho de ir para a guarda.

CASSIO

Boa noite, honesto Iago. *(Sai.)*

IAGO

E quem dirá que eu ajo qual vilão,
Se dou conselho honesto assim, de graça,
Sujeito a provas, e o caminho certo
Pra ter de novo o Mouro? Pois é fácil
Persuadir Desdêmona, suave,
A tudo o que é honesto; é generosa
Como os livres elementos. Portanto,
Levar o Mouro a negar seu batismo,
Ou tudo o mais que redime o pecado,
Co'a alma dele escrava desse amor,
Ela faz ou desfaz, como quiser,
Enquanto o apetite for o deus
Que o enfraquece. Como sou vilão

Ato III

Cena I

Diante do castelo.

(Entra Cassio, com Músicos e o Cômico.)

CASSIO

Toquem aqui, senhores, que eu lhes pago, Algo breve, e um "Bom-dia" ao general. *(Eles tocam.)*

CÔMICO

Minha gente, será que seus instrumentos andaram em Nápoles, para falar assim pelo nariz?

1º MÚSICO

Como é, senhor, como é?

CÔMICO

Esses aí, se faz o favor, são chamados instrumentos de sopro?

1º MÚSICO

Claro que sim, senhor.

CÔMICO

Isso é história de rabo.

1º MÚSICO

Como história de rabo, senhor?

CÔMICO

Ora, senhor, segundo muitos instrumentos de sopro que conheço. Mas, moçada, eis aqui o seu dinheiro; e o general gosta tanto de sua música que deseja que os senhores, por amor dos amores, parem de fazer barulho com ela.

1º MÚSICO

Pois muito bem, senhor, nós não faremos.

CÔMICO

Se tiverem alguma música que não se possa ouvir, podem tocar mais; mas, como se costuma dizer, ouvir música não é coisa que o general goste muito de fazer.

1º MÚSICO

Dessas nós não temos, senhor.

CÔMICO

Então enfiem suas flautas na sacola, que eu já vou; vão embora, desapareçam! *(Saem os Músicos.)*

CASSIO

Ouviu, meu honesto amigo?

CÔMICO

Não, não ouvi seu honesto amigo, ouvi o senhor.

CASSIO

Pare com essas bobagens, olhe aqui uma moeda de ouro para você: se a senhora que serve a esposa do ge-

Cena II

No mesmo local.

(Entram Otelo, Iago, e outros Cavalheiros.)

OTELO

Leva estas cartas, Iago, pro piloto,
E por ele cumprimentos ao Estado:
Isso feito, vou indo pro arsenal,
Vai ter lá comigo.

IAGO

Irei, bom senhor.

OTELO

Senhores, vamos ver nossas defesas?

CAVALHEIROS

Estamos às suas ordens. *(Saem.)*

Cena III

(Entram Desdêmona, Cassio e Emília.)

DESDÊMONA

Esteja certo, bom Cassio, que eu farei
De tudo a meu alcance pra ajudá-lo.

EMÍLIA

Boa senhora, eu sei que meu marido
Sofre como se fosse ele.

DESDÊMONA

É homem muito honesto... E creia, Cassio,
Eu hei de ter a si e ao meu senhor
Amigos como antes.

CASSIO

Que bondade.

Venha a ser o que for Michele Cassio,
Ele será pra sempre um seu criado.

DESDÊMONA

Senhor, sei que ama o meu amo,
Já o conhece bem; tenha a certeza
De que não fica mais tempo afastado
Do que exige a política.

CASSIO

Sei, senhora,
Mas a exigência pode ser tão longa,
Alimentada por dieta fria,
Ou transbordar por causas esquisitas,
Que, eu ausente e o posto ocupado,
Olvide o general serviço e amor.

DESDÊMONA

Nada disso. Eu, aqui, diante de Emília,
Garanto-lhe o seu posto; fique certo
Que se juro amizade, cumpro o dito.
A meu senhor eu não darei repouso:
Quieta ou falando acabo-lhe a paciência;
Aulas na cama ou sermões à mesa,
Hei de mesclar tudo o que ele fizer
Com o preito de Cassio; fique alegre,

OTELO

Mais breve porque o pede.

DESDÊMONA

Esta noite, ao jantar?

OTELO

Não esta noite.

DESDÊMONA

Ao de amanhã?

OTELO

Não vou jantar em casa,
Mas sim com os capitães, na cidadela.

DESDÊMONA

Senão de noite, então na terça-feira,
Seja manhã, tarde, ou noite, ou na quarta:
Por favor, diga o dia, mas sem ser
Mais do que três; ele está penitente,
E o seu pecado, em nosso entendimento
(A não ser porque a guerra faz exemplos
De seus melhores) quase nem é erro
Ralhado em casa: quando deve vir?
Diga-me, Otelô: a minha alma indaga
O que me pediria que eu negasse?
Ou hesitasse assim? Michele Cassio?
Que acompanhou-o tanto em sua corte —
Que se eu, acaso, a si desmerecia
Tomava o seu partido — custar tanto
Pra ter perdão? Pela Virgem, eu faço...

OTELO

Chega; e que ele venha quando quiser,
Eu não lhe nego nada.

DESDÊMONA

Nem deu nada;
É como eu lhe lembrar que use as luvas,
Ou coma bem, ou fique agasalhado,
Ou implore que busque algum bom lucro
Para si mesmo. Quando eu pedir algo
No qual o seu amor esteja em jogo,
Terá muitos tropeços e obstáculos,
De árdua concessão.

OTELO

Nada eu lhe nego,
E só lhe peço que permita agora
Que eu fique só por mais alguns momentos.

DESDÊMONA

E hei de negá-lo? Não, adeus, senhor.

OTELO

Adeus, minha Desdêmona. Irei já.

DESDÊMONA

Vamos, Emília; seja o que quiser,
O que imaginar, eu obedeço.
(*Saem Desdêmona e Emília.*)

OTELO

Doce tolinha, maldita a minha alma
Se eu não a amo; e quando a não amar,
É a volta do caos.

Tais coisas em velhaco desleal
São truques de rotina; mas no justo,
Apontam pro que vem do coração,
Indisfarçável.

IAGO

No que tange Cassio,
Ouso dizer que o penso ser honesto.

OTELO

Eu também.

IAGO

Todos devem parecer
O que são; ou então não parecê-lo.

OTELO

Por certo devem ser o que parecem.

IAGO

Então penso que Cassio seja honesto.

OTELO

Não; há algo mais aí:
Diga-me, por favor, seu pensamento,
O que ruma, e ao pior que pensa,
Dê os termos piores.

IAGO

Me perdoe;
Embora esteja preso aos meus deveres,
Não estou naquilo em que é livre o escravo:
O que eu penso? Pode ser vil e falso:
Qual o palácio em que o que é mais sórdido

Não entra às vezes? Ou que há tão puro
Em cujo peito apreensões infectas
Não ponham tribunais e neles julguem
Com termos legalistas?

OTELO

Porém conspira contra o amigo, Iago,
Quem o pensa ofendido e o deixa estranho
Ao que lhe vai na mente.

IAGO

Eu lhe imploro,
Porque eu, talvez, suspeite com malícia,
(A minha natureza sofre a praga
De ver em tudo abuso, e o meu ciúme
Vê erro onde não há), eu rogo, então,
Diante de conjecturas tão sem corpo,
Que não as note, e nem se preocupe
Pelo que observei assim, de leve;
Não lhe trará sossego, ou bem tampouco,
E nem a meu bom senso ou honestidade,
Contar-lhe o que pensei.

OTELO

Chagas de Cristo!

IAGO

Pra homem ou mulher bom nome é tudo;
De nossas almas é a mais cara jóia:
Quem rouba a minha bolsa rouba nada,
Era minha, hoje é dele, foi de mil;
Mas quem de mim arranca meu bom nome

E ao parecer temer o seu aspecto,
Ela o amava.

OTEOLO

Amava, sim.

IAGO

E então...

Se tão jovem podia fingir tanto,
Cegando o pai a ponto de ele crer
Que houvesse bruxaria: mas me culpo,
E só imploro pelo seu perdão,
Por tanto amá-lo.

OTEOLO

Pra sempre, obrigado.

IAGO

Mas percebo que isso o abateu um pouco.

OTEOLO

Mas nem um pouco.

IAGO

Eu receio que sim.

Peço que considere que eu falei
Apenas por amor: mas, se o toquei,
Imploro que não leve a minha fala
Pra sentidos mais baixos ou mais amplos
Que os da suspeita.

OTEOLO

Não o farei.

IAGO

Se o fizesse, senhor,
Tornaria em vileza o que lhe disse,
O que não quero; Cassio é meu amigo:
Senhor, o vejo aflito.

OTEOLO

Nada disso;

Pra mim Desdêmona é sempre honesta.

IAGO

Que assim viva, e o senhor assim a pense!

OTEOLO

No entanto, a natureza pode errar —

IAGO

Esse é o problema; pois se ousa dizê-lo,
Pois recusar tantos partidos bons,
De sua terra, compleição e grau,
Para os quais apontava a natureza;
Isso tresanda a capricho bem vil,
Anomalia suja, e antinatural.
Mas, perdão: não me vejo em posição
De falar dela assim, embora tema
Que o seu desejo, pensando melhor,
Recaia sobre alguém de seus costumes,
E se arrependa.

OTEOLO

Adeus; se perceber
Alguma coisa mais, diga-me e mande
Sua mulher observá-la; pode ir.

DESDÊMONA

É trabalho demais; já vai passar;
Eu lhe amarro a cabeça e, em uma hora,
Já estará bem.

OTELO

Mas seu lenço é pequeno:
(Ela deixa cair o lenço.)
Deixe pra lá; eu entro com você.

DESDÊMONA

Lamento que se sinta mal assim.
(Saem Otelô e Desdêmona.)

EMÍLIA

Foi bom ter eu encontrado esse lenço;
Sua primeira lembrança do Mouro,
Meu caprichoso esposo, por cem vezes
Pediú que eu o roubasse, porém ela
O adora e ele quer que o guarde sempre,
De modo que ela o leva sempre junto,
Beija-o e fala-lhe. Vou copiá-lo
Pra dá-lo a Iago; o que irá fazer,
Deus é que sabe, não eu.
Não sei nada, senão o seu capricho.
(Entra Iago.)

IAGO

Olá, que faz você aqui sozinha?

EMÍLIA

Calma; tenho uma coisa pra você.

IAGO

Uma coisa pra mim? É coisa à toa...

EMÍLIA

Hein?

IAGO

Ter uma esposa boba.

EMÍLIA

Só isso? Pois então quanto me dá
Por aquele tal lenço?

IAGO

Mas que lenço?

EMÍLIA

Que lenço?
Ora, o que o Mouro fez presente a ela,
E que tanto pediú-me que eu roubasse.

IAGO

E já roubou?

EMÍLIA

Ela o deixou cair, por distração,
E tendo assim a chance, eu o apanhei:
Veja, 'stá aqui.

IAGO

Pois me dê; muito bem.

EMÍLIA

Que vai fazer com ele, que me ronda
Com tanto empenho para que eu o roube?

OTELO

É bom provar que o meu amor é puta,
(Toma-o pela garganta.)

Quero certeza, provas oculares,
Ou, pela alma imortal do homem,
Melhor seria que nascesse um cão
Que despertar-me a ira.

IAGO

É isso, então?

OTELO

Faça-me ver, ou ter tal prova ao menos,
Que não me reste aspecto nem detalhe
Que deixe dúvida: pois senão, morre!

IAGO

Meu nobre senhor...

OTELO

Se a ela calunia e a mim tortura,
Nunca mais reze, esqueça do remorso.
Sobre o terror empilhem-se terrores:
Trazendo pranto ao céu, espanto à terra,
Nada fará pior sua danação,
Do que ora fez.

IAGO

Que graça e o céu defendam-me!
Será que é homem, com alma e sentidos?
Por Deus, leve-me o posto — Oh infeliz,
Que vê sua honestidade ser um vício!
Mundo nojento, anote, anote, Oh mundo,

Que é inseguro ser honesto e claro;
Agradeço a lição, e doravante
Não amo amigo, já que o amor ofende.

OTELO

Espere, não; seja honesto pra sempre.

IAGO

Quero ser sábio; a honestidade é tola,
E perde o que procura.

OTELO

Pois lhe juro,
Por vez a creio honesta, por vez não;
Por vez sei que é correto, por vez não;
Quero prova: meu nome era tão claro
Como o de Diana casta; e ora é tão negro
Quanto o meu rosto: havendo corda ou faca,
Fogo, veneno ou rio que sufoca,
Não vivo assim; quem me dera saber!

IAGO

Já vi que se consome de paixão
E me arrependo já de haver falado;
Então quer ter certeza?

OTELO

Quero e vou.

IAGO

É possível; mas ter certeza como?
Vai olhar, boquiaberto, um guarda obsceno?
Vê-la coberta?

Da sua esposa, eu sei — vi Cassio hoje
Usar em sua barba.

OTELO

Se assim for...

IAGO

Sim, sendo esse, ou qualquer outro dela,
Depõe contra a mulher, com as outras provas.

OTELO

Tivesse a escrava quarenta mil vidas!
Uma não basta pra minha vingança:
Ora vi que é verdade; escute, Iago,
Meu tolo amor foi pro céu em pedaços...
Acabou-se.
Negra vingança, salta de tua cova,
Amor, cede a coroa, o terno trono,
Parte pro ódio, peito que ora pesas
Co'a tirania dos ferrões de abelhas! *(Ele se ajoelha.)*

IAGO

Calma, eu lhe peço.

OTELO

Sangue, Iago, sangue!

IAGO

Muita calma; talvez mude de idéias.

OTELO

Jamais, Iago. Assim como o mar Pôntico,
Com seu curso gelado e inelutável,
Não sente maré baixa e sempre corre

Para o Propôntico e o Helesponto:
Minha sangrenta idéia, em largos passos,
Pra trás não olha, em vazante de amor,
Antes que uma vingança, ampla e abrangente,
Engula os dois. Por esse céu de mármore,
E com o empenho de um voto sagrado,
Dou a minha palavra.

IAGO

Não levante. *(Iago ajoelha-se.)*

Testemunhem, celestes luzes fixas,
E elementos que a todos nós envolvem,
Testemunhem que Iago aqui abdica
O melhor de seu braço e coração
Ao serviço de Otelo injustiçado:
Não cumprir seu comando será culpa,
Por sangrento que seja.

OTELO

O que recebo

De forma generosa, não gratuita,
E desde logo uso os seus serviços:
Nestes três dias quero ouvir dizer
Que Cassio não 'stá vivo.

IAGO

Ele está morto:

Feito como pediu; mas que ela viva!

OTELO

Maldita seja a rameira: maldita!
Vamos, venha comigo e, em segredo

EMÍLIA

Não tem ciúmes?

DESDÊMONA

Quem, ele? O sol que o viu nascer, eu penso,
Sugou-lhe esses humores.

(*Entra Otelô.*)

EMÍLIA

Lá vem ele.

DESDÊMONA

E agora não o deixo. Chame Cassio
Pra que venha. Meu senhor, como passa?

OTELÔ

Bem, senhora: (*à parte*) Mas é duro fingir!
Como passa, Desdêmona?

DESDÊMONA

'Stou bem.

OTELÔ

Dê-me a mão; está úmida, senhora.

DESDÊMONA

Não sente ainda a idade ou a tristeza.

OTELÔ

Então é fértil, tem bom coração;
Úmida e quente, a sua mão requer
Muito controle, preces e fastio,
Com muita penitência e devoção;
Pois um jovem demônio sua aqui,

Que tende à rebeldia. É uma mão boa.
E franca.

DESDÊMONA

Isso pode dizer, sem dúvida,
Pois foi a que doou meu coração.

OTELÔ

Mãos liberais outrora o peito dava,
Mas hoje são só mãos, sem coração.

DESDÊMONA

Isso eu não sei. E então, sua promessa.

OTELÔ

Que promessa, menina?

DESDÊMONA

Mandei vir Cassio pra falar consigo.

OTELÔ

'Stou cheio de um catarro que me irrita;
Onde está seu lenço?

DESDÊMONA

Aqui, senhor.

OTELÔ

O que eu lhe dei,

DESDÊMONA

Não está comigo agora.

OTELÔ

Não?

OTELO

Busque o lenço; minha mente sofre.

DESDÊMONA

Ora, vamos,
Jamais terá homem mais competente.

OTELO

O lenço!

DESDÊMONA

Por favor, fale de Cassio.

OTELO

O lenço!

DESDÊMONA

Um homem que, sua vida inteira,
Contou com seu amor em seu destino,
Passou perigos com o senhor...

OTELO

O lenço!

DESDÊMONA

Na verdade, a culpa é sua.

OTELO

Pelas Chagas de Cristo! (Sai.)

EMÍLIA

E esse homem não tem ciúmes?

DESDÊMONA

Nunca vi isso antes:

O lenço deve ter algum encanto,
E eu estou muito triste por perdê-lo.

EMÍLIA

Um ano ou dois não nos mostram um homem:
São estômagos todos, nós comida;
Engolem-nos com fome e, saciados,
Nos arrotam.
(Entram Iago e Cassio.)
Eis Cassio e o meu marido.

IAGO

Não há outro caminho; ela é que pode,
E veja aqui que sorte! Vá falar-lhe.

DESDÊMONA

Então, bom Cassio, quais as suas novas?

CASSIO

Sempre as mesmas, senhora; e aqui imploro
Que por sua virtude eu possa ser
De novo eu mesmo, e goze o amor daquele
A quem meu coração e o meu dever
Sempre honraram; não quero mais esperas:
Se a minha ofensa é tão mortal assim,
Que nem o que servi, nem o que sofro,
Nem o sonho de meritos futuros
De volta ao seu amor podem levar-me,
Que para mim, então, baste sabê-lo;
Pra que eu envergue aceitação forçada,
E me entregue a algum outro caminho
Pra esmolar meu fado.

DESDÊMONA

Vou procurá-lo; Cassio fique aqui;
Se estiver bem, eu defendo o seu caso,
E faço tudo para resolvê-lo.

CASSIO

Eu lhe agradeço, senhora.

(Saem Desdêmona e Emília.) (Entra Bianca.)

BIANCA

Salve Cassio!

CASSIO

Que faz fora de casa?
Bianca tão bela, está passando bem?
Na verdade, querida, eu ia vê-la.

BIANCA

E eu a você, onde se hospeda, Cassio;
Uma semana longe? Sete dias?
Cento e sessenta e oito horas distante,
Que sem amor parecem mais tediosas,
Fazendo contas!

CASSIO

Me perdoe, Bianca!
Todo esse tempo a mente eu tive opressa,
Mas se encontrar momento mais ameno
Compensarei a ausência, doce Bianca.
(Dá-lhe o lenço de Desdêmona.)
Copie-me o desenho.

BIANCA

De onde veio?

Isso é lembrança de uma nova amiga;
Senti a ausência, agora sinto a causa;
Chegou a isso, então?

CASSIO

Chega, mulher;
Atire vis idéias pro diabo,
De onde vieram; tem ciúme agora
Achando que é lembrança de uma amante.
Não, eu juro, Bianca.

BIANCA

De quem é?

CASSIO

Não sei, querida; achei-o no meu quarto;
O desenho é bonito, e antes que o peçam,
Como é provável, quero que o copie;
Leve e o faça, e por agora deixe-me.

BIANCA

Mas deixá-lo por quê?

CASSIO

Aguardo aqui que venha o general,
E não é meu desejo, e nem de ajuda,
Que me veja com mulher.

BIANCA

Por que não?

CASSIO

Não que a não ame.

Se os virtuosos agem desse modo,
O demo os tenta, e eles tentam o céu.

IAGO
Sem fazer nada, é venial o erro;
Porém se eu dou um lenço à minha esposa...

OTELO
O quê?

IAGO
Ele é dela, senhor; e sendo dela,
Pode dá-lo, penso eu, a qualquer homem.

OTELO
Ela é a guardiã de sua honra;
Pode dá-la também?

IAGO
A honra é essência que ninguém enxerga,
Muitas vezes a têm os que a não têm:
Mas quanto ao lenço..

OTELO
Oh, Deus! Quem me dera eu esquecê-lo:
Segundo disse (ora vem-me à lembrança,
Como o corvo a uma casa de doenças,
Com mau agouro) o lenço está com ele.

IAGO
Sim, e daí?

OTELO
Não é tão bom, agora.

IAGO
E se eu disser que o vi a ofendê-lo?
Ou que o ouvi — como faz o canalha
Que, só por insistir em seus pedidos,
Ou pela adoração de alguma amante
Conseguiu triunfar, não tem escolha
Senão gabar-se —

OTELO
Ele disse algo assim?

IAGO
Disse, senhor, mas pode ter certeza
Que há de jurar que não.

OTELO
Que disse ele?

IAGO
Bem, que ele fez... não sei o que ele fez.

OTELO
Mas o quê?

IAGO
Deitou.

OTELO
Com ela?

IAGO
Ou nela, eu sei lá.

OTELO
Deitou-se com ela, deitou-se nela? Digamos deitou-se
nela e deitemos culpa nela — deitou-se com ela, pelas

IAGO

Afaste-se um pouquinho,

Esconda-se e escute com atenção:
Enquanto aqui ficou, louco de dor —
Paixão que não cai bem a nenhum homem —
Cassio aqui esteve, mas eu o afastei
Dando boa desculpa pro seu êxtase;
Mas pedi que viesse conversar,
E ele aceitou: mas esconda-se bem,
E repare os muxoxos, os deboches,
Que marcam todo o aspecto de seu rosto;
Pois eu farei com que repita a história,
Onde, como, quantas vezes, e quando
Ele esteve e vai estar com sua esposa:
Repare nos seus gestos; mas com calma,
Senão eu digo-lhe que está maluco,
E nem é homem mais.

OTELO

Pois sabe, Iago?

Eu serei ardiloso na paciência;
Porém — ouviu? — sangrento.

IAGO

Isso vai bem:

Mas tudo no seu tempo; quer sair?
(*Otelo afasta-se.*)
Com Cassio, agora, eu falarei de Bianca,
Rapariga que vende os seus desejos
Pra comprar pão e roupa; adora Cassio,
E a praga da rameira é seduzir

A muitos mas por um ser seduzida.

(*Entra Cassio.*)

Já ele, ao falar dela, não consegue
Deixar de gargalhar; ei-lo que chega,
E há de sorrir, enlouquecendo Otelo,
Pois seu ciúme iletrado vai ler
O riso e o jeito do meu pobre Cassio
Completamente errado. Então, tenente?

CASSIO

Fico pior só por ouvir tal título,
Cuja falta me mata.

IAGO

Se insistir com Desdêmona o terá;
Mas é claro que se fosse Bianca,
Tudo corria mais.

CASSIO

Eu sei, coitada!

OTELO

Já está rindo!

IAGO

Não há mulher que ame tanto um homem.

CASSIO

Coitada, eu sei; parece que ama mesmo.

OTELO

Nega de leve, e ainda ri-se dela.

IAGO

É mesmo, Cassio?

BIANCA

Que o diabo e a mãe dele o persigam, que quis dizer com aquele lenço que me deu há pouco? Fui uma tola em levá-lo; eu tenho de copiar todo aquele desenho, um trabalho de primeira, e o senhor o achou em seu quarto mas não sabe quem o deixou lá! Pois dê pra a puta de quem o ganhou, que eu não vou copiar bordado nenhum.

CASSIO

O que é isso, doce Bianca, que é isso, que é isso?

OTELO

Pelos céus, deve ser o meu lenço!

BIANCA

Se vier cear hoje à noite, pode trazê-lo; se não, venha quando estiver bem preparado. *(Sai.)*

IAGO

Vá lá; corra atrás dela!

CASSIO

Tenho de ir, senão grita pela rua.

IAGO

E vai cear com ela?

CASSIO

É o que pretendo.

IAGO

Pode ser que vá vê-lo, pois quero ter uma conversa.

CASSIO

Pois então venha, por favor.

IAGO

Nem precisa insistir; vá.

OTELO *(avançando)*

Como hei de assassiná-lo, Iago?

IAGO

Percebeu, como ri de sua devassidão?

OTELO

Oh, Iago!

IAGO

E viu o lenço?

OTELO

Era o meu?

IAGO

Por esta mão, o seu: e vê que valor dá àquela tola da sua mulher! Ela deu a ele, ele já o deu à sua puta.

OTELO

Queria levar nove anos matando-o; uma mulher boa, uma mulher linda, uma mulher doce!

IAGO

Não; é preciso esquecer-se.

OTELO

E que ela apodreça, e pereça e vá pro inferno esta noite, pois não viverá; não, meu coração virou pedra; se o golpear, machuco a mão: Ah, o mundo não contém criatura mais doce; poderia deitar-se ao lado de um imperador e determinar-lhe as tarefas.

(Dá-lhe uma carta.)

OTELO

E eu beijo o instrumento de seu gesto.

(Abre a carta e lê.)

DESDÊMONA

Quais as novas, bom primo Ludovico?

IAGO

Muito me alegro por vê-lo, senhor.
Bem-vindo a Chipre.

LUDOVICO

Sou grato; como está o Tenente Cassio?

IAGO

Vive, senhor.

DESDÊMONA

Deu-se, meu primo, entre ele e o meu senhor,
Ruptura que o senhor há de curar.

OTELO

Está certa disso?

DESDÊMONA

Meu senhor?

OTELO *(lendo)*

“Não deixe de cumpri-lo, já que há de...”

LUDOVICO

Ela não disse nada; 'stá ocupado.
Mas há de veras luta entre ele e Cassio?

DESDÊMONA

Das mais tristes; e eu faria muito
Pr'atenuá-la, por amor a Cassio.

OTELO

Fogo e enxofre!

DESDÊMONA

Senhor?

OTELO

Não tem juízo?

DESDÊMONA

'Stará zangado?

LUDOVICO

Talvez a carta o toque;
Pois creio que o removem para casa,
E indicam Cassio pro governo aqui.

DESDÊMONA

Isso me alegra.

OTELO

É mesmo?

DESDÊMONA

Meu senhor?

OTELO

Apraz-me vê-la louca.

DESDÊMONA

Doce Otelô.

LUDOVICO

Bater assim na esposa?

IAGO

Sim, não foi certo; mas eu só espero
Que isso seja o pior!

LUDOVICO

Mas já é hábito?

Ou o abalaram de tal modo as cartas,
Que provocaram isso?

IAGO

Ai, ai; ai, ai!

Eu não me sinto honesto assim falando
Do que já vi e sei; há de observá-lo,
A fim de que eu não fale: porém, siga-o,
E repare se insiste.

LUDOVICO

Eu lamento iludir-me tanto com ele. *(Saem.)*

Cena II

Uma sala no castelo.

(Entram Oteló e Emília.)

OTELÓ

Nunca viu nada, então?

EMÍLIA

E nem ouvi, e nem desconfiei.

OTELÓ

Está bem, mas já a viu junto com Cassio.

EMÍLIA

Mas nada vi de errado, e sempre ouvi
Cada palavra que entre os dois passou.

OTELÓ

O quê? Não sussurravam?

EMÍLIA

Não, senhor.

OTELÓ

Nunca a mandou sair?

EMÍLIA

Nunca.

OTELÓ

Pra buscar máscara, a luva, o leque?

EMÍLIA

Nunca, meu senhor.

OTELÓ

É estranho.

EMÍLIA

Ouso apostar, senhor, até minh'alma
Que ela é honesta: se não pensa assim,
Afaste tal idéia, que o ofende.
Se algum maldito o fez pensar assim,
Que céu mande a serpente pra daná-lo,

Não ponha em mim a culpa; se o perdeu,
Também eu o perdi.

OTELO

Quisesse o céu
Pôr-me à mais dura prova, e me banhado
A cabeça com chagas e vergonhas,
Me enterrado em miséria até à boca,
Aprisionado a mim e ao que aspiro,
E eu acharia, em um ponto da alma,
Um pingo de paciência; mas fazer-me
Um alvo fixo pro escárnio do tempo,
Apontar o seu lento dedo imóvel...
Ai, até isso eu também agüentava:
Mas aqui, onde guardo o coração,
Onde devo viver, ou não ter vida,
A fonte, de onde vem minha corrente,
Que, senão, seca; ser banido dela,
Ou tê-la qual cisterna aonde os sapos
Cruzam e geram. Vire aqui o rosto;
Paciência, lábios rosados de anjo,
Eu ora os vejo duros como o inferno!

DESDÊMOMA

Espero que meu amo me ache honesta.

OTELO

Sim, como a mosca do estio no açougue,
Que emprenha até com o vento:
Musgo horrendo, por que inda é tão bela?
Cheira tão bem que os sentidos me doem,
Quem dera aos céus não tivesse nascido!

DESDÊMOMA

Que pecado, que ignoro, eu cometi?

OTELO

Mas foi feita essa página, ou esse livro,
Para se escrever “puta”?... Que cometeu?
Que cometeu! Prostituta de todos!
As minhas faces virariam forjas
Nas quais em cinzas fazem-se os pudores,
Falando de seus atos. Cometeu!
O céu torce o nariz, a lua pisca,
O vento, cáften que beija o que encontra,
Escondeu-se na mina oca da terra
Pra não ouvi-los... O que cometeu?
Putava vil...

DESDÊMOMA

Pelo céu, me calunia!

OTELO

Então não é rameira?

DESDÊMOMA

Não, por Deus:
Se preservar meu corpo pro meu amo,
Contra o toque odioso ou ilegal,
É não ser meretriz, eu não o sou.

OTELO

Não é puta?

DESDÊMOMA

Por minha salvação.

Com tal desprezo e termos tão grosseiros,
Que não o atura um puro coração.

DESDÊMONA

Sou esse nome, Iago?

IAGO

Mas, que nome?

DESDÊMONA

Esse tal que o meu amo diz que eu sou?

EMÍLIA

Chamou-a puta. Um mendigo bêbado
Não trataria assim sua rameira.

IAGO

Mas por que o fez?

DESDÊMONA

Eu não sei, mas eu sei que isso não sou.

IAGO

Não chore, não chore não; que tristeza!

EMÍLIA

Deixou pra traz pretendentes tão nobres,
Seu pai, o sei país, tantos amigos,
Pra ser chamada puta? E sem chorar?

DESDÊMONA

É o meu fado.

IAGO

Maldito seja ele!
O que lhe deu para isso?

DESDÊMONA

Só Deus sabe.

EMÍLIA

Quero morrer se algum velhaco vil,
Algun safado pronto a bajular,
Crápula sórdido atrás de um cargo,
Não fosse quem mentiu. Quero morrer!

IAGO

Deixe disso; não existe homem assim!

DESDÊMONA

Mas se existir, peço a Deus que o perdoe!

EMÍLIA

Perdão na forca, e podridão no inferno!
Putá por quê? Com quem passa o seu tempo?
Onde, quando, como, de que modo?
Algun devasso é que enganou o Mouro,
Algun crápula pútrido, nojento;
Que os céus descubram o tal camarada,
A toda mão honesta dê um açoite,
Para açoitá-lo nu por este mundo,
De leste a oeste.

IAGO

Tenha compostura.

EMÍLIA

Maldito seja! É como o tal sujeito
Que entulhou sua cabeça de sujeira,
E o fez desconfiar de mim com o Mouro.

me esperanças e promessas, de respeito e de encontros, mas não dão em nada.

IAGO

Então vai, avante; muito bem.

RODRIGO

Muito bem, vai, avante, não posso ir, homem, e não está muito bem; palavra que está tudo uma porcaria, e estou começando a pensar que me fiz de bobo.

IAGO

Muito bem.

RODRIGO

Não está nada bem: vou dar-ma a conhecer a Desdêmona; se ela devolver minhas jóias, eu desisto de minha corte e me arrependo dessa insistência ilegal; se não, podes ter a certeza de que buscarei satisfação contigo.

IAGO

Agora está dito.

RODRIGO

Está; e não disse nada que não tivesse a intenção séria de fazer.

IAGO

Agora vejo que tu tens coragem, e a partir deste momento faço melhor juízo de ti do que jamais fizera antes. Dá-me a mão, Rodrigo: fizeste contra mim reclamação das mais justas, mas mesmo assim garanto que tenho agido com a maior correção nos teus interesses.

RODRIGO

Pois não pareceu.

IAGO

Admito que não tenha parecido, e tua suspeita fala com espírito e critério: mas, Rodrigo, se tens em ti o que eu, realmente, tenho mais razão para crer agora do que nunca, quero dizer, perseverança, coragem e bravura, mostra-o esta noite; e se na noite seguinte não gozas de Desdêmona, tira-me deste mundo por traição, trama contra a minha vida.

RODRIGO

Bem, e é coisa razoável e que se possa fazer?

IAGO

Pois chegou uma ordem especial de Veneza, que coloca Cassio no lugar de Otelo.

RODRIGO

É verdade? Então Otelo e Desdêmona voltam para Veneza.

IAGO

Não; ele vai para a Mauritània, e leva consigo a bela Desdêmona, a não ser que sua permanência seja prolongada por algum incidente, sendo nenhum tão determinante quanto a remoção de Cassio.

RODRIGO

Que queres dizer com sua remoção?

IAGO

Ora, torná-lo incapacitado para ocupar o lugar de Otelo, arrebatando-lhe os miolos.

Dá-me as roupas de noite, e então adeus;
Não devemos desagradá-lo agora.

EMÍLIA

Queria que jamais o houvesse visto!

DESDÊMOMA

Mas eu não; meu amor tanto o aprova,
Que até sua teimosia e rabugice —
Desabotoa aqui — têm seus encantos.

EMÍLIA

Eu botei os lençóis que me pediu.

DESDÊMOMA

Tanto faz: são tão tolas nossas mentes!
Se morro antes de ti, eu te suplico
Que me amortalhes neles.

EMÍLIA

Como fala!

DESDÊMOMA

A minha mãe teve uma aia, Bárbara,
Que muito amou; mas seu amor, um louco,
Deixou-a. Ela cantava de um “chorão”,
Canção velha, mas como a sua vida;
E ela morreu cantando. Essa canção
Não me sai da lembrança, e mal me impeço
De pender a cabeça para um lado
E cantar como a Bárbara. Depressa.

EMÍLIA

Quer uma capa?

DESDÊMOMA

Não; é só abrir;
É um homem elegante, o Ludovico.

EMÍLIA

Ele é muito bonito.

DESDÊMOMA

Fala bem.

EMÍLIA

Eu conheço uma dama em Veneza que andava descalça
até a Palestina por um toque de seu lábio inferior.

DESDÊMOMA (*canta*)

A pobre alma suspira cantando
O verde do chorão;
Mão no peito, a cabeça curvando,
Chora, chora, chorão.
O rio junto a ela vai gemendo,
Chora, chora, chorão;
Seu pranto as pedras vai amolecendo...
Arruma isto:
Chora, chora, chorão.
Depressa, por favor. Ele já vem.
O canto do chorão é minha palma.
Não o condenem, seu desprezo é certo...
Não, não é isso. Ouve! Quem bateu?

EMÍLIA

É o vento.

Creio que sim: a causa foi paixão?
Creio que sim. Por fraqueza é que erram?
É também. E não temos nós paixões?
E fome de brincar, fracas como eles?
Pois que nos usem bem; e tomem tino:
Os nossos erros vêm do seu ensino.

DESDÊMONA

Boa noite. Que Deus possa me ensinar
A não pagar mal com mal, mas consertar. *(Saem.)*

Ato V

Cena I

Uma rua.

(Entram Iago e Rodrigo.)

IAGO

Fica atrás do balcão; ele já vem,
Mantém a adaga nua, acerta o alvo,
Depressa e sem temor; 'stou logo atrás.
Com essa temos tudo ou nos perdemos;
Pense nisso, e ataque com firmeza.

RODRIGO

Fique por perto; eu posso fracassar.

IAGO

'Stou logo aqui; coragem, pega a espada. *(Oculta-se.)*

RODRIGO

Não sinto entusiasmo pelo ato;
Porém ele me deu razões bastantes.
É só um homem: um golpe e ele morre.

IAGO

Eu esfreguei a bolha até doer,

LUDOVICO

Há dois ou três gemendo; mas que noite.
Mas pode ser cilada; é inseguro
Atender esses gritos sem ajuda.

RODRIGO

Não vem ninguém; e eu sangro até morrer.

(Entra Iago, com uma tocha.)

LUDOVICO

Olá!

GRAZIANO

Lá vem alguém, em camisa e armado.

IAGO

Quem está aí? Que barulho é esse, com gritos de assassinato?

LUDOVICO

Eu não sei.

IAGO

Mas não ouviu que gritavam?

CASSIO

Aqui, por Deus, me ajudem!

IAGO

O que houve?

GRAZIANO

Creio que esse é o alferes de Otelo.

LUDOVICO

Isso mesmo, e um sujeito valente.

IAGO

E quem são os que dão gritos tão tristes?

CASSIO

Iago! Fui atacado por uns dois vilões,
Preciso ajuda.

IAGO

Oh, meu tenente! Que vilão fez isso?

CASSIO

Eu creio que um deles 'stá caído,
E não pode fugir.

IAGO

Vilões traidores!

Quem está aí? Me ajudem, por favor.

(Para Ludovico e Graziano.)

RODRIGO

Ajuda, aqui!

CASSIO

Esse é um deles.

IAGO

Vilão! Assassino!

(Apunhala Rodrigo.)

RODRIGO

Maldito Iago...cão desumano....ai!

IAGO

Senhor Graziano, eu peço-lhe perdão:
Tudo isto abalou minhas maneiras,
Que o esqueceram.

GRAZIANO

Alegro-me em vê-lo.

IAGO

Como está, Cassio? Olá, uma cadeira!

GRAZIANO

Rodrigo!

IAGO

É ele mesmo. *(Trazem uma cadeira.)*
Muito bem; a cadeira:
Que um homem forte o carregue daqui,
Preciso o médico do general.
(para Bianca) Fora, mulher; ninguém a quer aqui.
Esse aí, Cassio, ferido de morte
É meu amigo; há ódio entre vocês?

CASSIO

Nem pode haver; eu sequer o conheço.

IAGO *(para Bianca)*

Empalidece? Levem-no pra dentro!
(Cassio e Rodrigo saem carregados.)
Amigos, um momento; então está pálida?
Não perceberam como move os olhos?
Se der um passo... depois nós falamos:
Observem-na bem; reparem só:

Viram, senhores? A culpa, é verdade,
Fala mesmo quando não há língua.

(Entra Emília.)

EMÍLIA

O que é que houve? O que houve, marido?

IAGO

Cassio foi atacado aqui, no escuro,
Por Rodrigo, e mais outros que escaparam.
Ele está pra morrer, Rodrigo, morto.

EMÍLIA

O pobre cavalheiro! Ai, bom Cassio!

IAGO

Dá nisso andar com putas; ouve, Emília,
Descobre onde ceiou Cassio esta noite:
Por que treme assim?

BIANCA

Ceou em minha casa, e eu não tremo.

IAGO

Ah, foi lá? Pois então vá comigo.

EMÍLIA

Que vergonha, rameira!

BIANCA

Não sou rameira, mas de vida honesta
Como a dos que me ofendem.

EMÍLIA

É? Pois sim!

Não desejo matar alma em pecado;
Não, Deus me livre de matar-lhe a alma.

DESDÊMONA

Fala em matar?

OTELO

Eu falo.

DESDÊMONA

Então que o céu
Tenha pena de mim!

OTELO

Amém, de coração!

DESDÊMONA

Se o diz, espero então que não me mate.

OTELO

Hum!!

DESDÊMONA

Porém o temo, pois tem ar fatal
Girando assim os olhos: por que temo
Não sei, se sou sem culpa; mas o temo.

OTELO

Pense no que pecou.

DESDÊMONA

Só por amá-lo.

OTELO

E só por isso morre.

DESDÊMONA

Só mata por amor morte anormal;
Ai, ai, mas por que morde assim o lábio?
Uma paixão sangrenta o abala todo;
São maus agouros, mas espero, espero,
Que não sejam pra mim.

OTELO

Calada e quieta!

DESDÊMONA

Pronto, eu já 'stou; o que há?

OTELO

O lenço que eu lhe dei e amava tanto,
Deu logo a Cassio.

DESDÊMONA

Não, por minha alma!

Chame o homem e pergunte.

OTELO

Doce alma, cuidado com o perjúrio,
Em seu leito de morte.

DESDÊMONA

Mas não hoje.

OTELO

Sim, e dentro em pouco:
Confesse então os seus pecados todos,
Pois nem jura que negue cada um deles
Pode abalar a forte convicção
Por quê eu gemo tanto; vai morrer!

DESDÊMOMA

Só meia hora, pr'eu poder rezar!

OTELO

Tarde demais (*Ele a sufoca.*)

DESDÊMOMA

Ai, meu Deus, ai, meu Deus!

EMÍLIA (*fora*)

Senhor, senhor! Responda, meu senhor!

OTELO

Que voz é essa? Não está morta, então?
Mesmo sendo cruel, eu sou piedoso,
Não quero que demore a sua dor...
Assim, assim.

EMÍLIA (*fora*)

Olá! Senhor! Meu amo!

OTELO

Quem 'stá aí?

EMÍLIA (*fora*)

Meu bom senhor, preciso lhe falar!

OTELO

'Stá bem; já vou, Emília: ela está morta:
Na certa vem dizer que morreu Cassio;
O barulho era aqui; não, não se mexe,
'Stá como um túmulo: deixo a outra entrar?
Parece que se move; o que fazer?
Entrando, vai buscar minha mulher.

Mulher? Mas qual? Eu não tenho mulher;
Insuportável peso desta hora!
Devia haver, parece, um grande eclipse
De sol e lua, e que o globo atônito
Devia abrir-se diante do ocorrido.

EMÍLIA (*fora*)

Eu peço por favor para falar-lhe...
Meu bom senhor!

OTELO

Eu me tinha esquecido: entra, Emília.
Já vou; deixe eu fechar o cortinado.
Aonde estás? (*Abre a porta.*)
(*Entra Emília.*)
O que é que há contigo?

EMÍLIA

Lá fora houve um horrível morticínio!

OTELO

O quê? Agora?

EMÍLIA

Inda agora, senhor.

OTELO

Isso são erros da lua
Que está mais perto do que de costume,
E deixa os homens loucos!

EMÍLIA

Cassio, senhor, matou um veneziano,
Um tal Rodrigo.

EMÍLIA

Meu marido?

OTELO

Teu marido.

EMÍLIA

Que ela traiu o casamento?

OTELO

É, com Cassio; se ela fosse fiel,
Se o céu me construísse um novo mundo,
De uma só crisólita sem mácula,
Eu nunca a venderia por tal preço.

EMÍLIA

Meu marido?

OTELO

Pois foi quem me contou,
Honesto como é, que odeia o limo
Que se prende ao que é sujo.

EMÍLIA

Meu marido?

OTELO

Que repetes assim? Foi teu marido.

EMÍLIA

Ama, um vilão brincou com o seu amor!
O meu marido disse que era falsa?

OTELO

Já disse, o teu marido; não compreendes?
O teu marido, o amigo e honesto Iago.

EMÍLIA

Se o disse, que sua alma perniciososa
Gota a gota apodreça! Ele mente,
Ela adorava o lixo que abraçou.

OTELO

Ha!

EMÍLIA

Isso que fez merece tanto o céu
Quanto o senhor a ela.

OTELO

Cala a boca.

EMÍLIA

Sua força pra ferir não é metade
Que a minha pra sofrer: tolo, simplório,
Pior que ignorante; fez um ato...
Que me importa essa faca; eu contaria
Até por vinte vidas; Ai, socorro!
O Mouro assassinou a minha ama!

(Entram Montano, Graziano, Iago e outros.)

MONTANO

O que é que houve? General, que foi?

EMÍLIA

Então, Iago, que fez de tão certo
Pra responder pelos crimes dos outros?

TODOS

O que houve?

GRAZIANO

É sorte estar morto o seu pai, Desdêmona;
Tua boda lhe foi mortal: pura dor
Cortou-lhe o alento: fosse vivo agora,
Este quadro o levava ao desespero,
Com pragas que, banindo-lhe o bom anjo,
Levava à danação.

OTELO

É lamentável, mas Iago sabe
Que com Cassio ela faltou à vergonha,
Pecou mil vezes; Cassio confessou-o,
E ela compensou-lhe o ato do amor
Com a primeira lembrança que lhe dei
Do nosso amor; a vi em suas mãos,
Era um lenço, um regalo muito antigo
Que meu pai deu à minha mãe.

EMÍLIA

Meu Deus, meu Deus do céu!

IAGO

Cala essa boca!

EMÍLIA

Tem de ser revelado: não me calo,
Eu vou falar, tão livre quanto o ar;
Se os céus, os homens e os diabos, todos,
Gritam minha vergonha, ainda falo.

IAGO

Juízo, e vai pra casa.

EMÍLIA

Não.

(Iago tenta apunhalar Emília.)

GRAZIANO

Que é isso?

Punhal numa mulher?

EMÍLIA

Mouro obtuso, esse lenço de que fala,
Eu achei por acaso e dei a Iago;
Pois muitas vezes, com o maior empenho,
Pedira que o roubasse.

IAGO

Putá imunda!

EMÍLIA

Dá-lo a Cassio? Por azar eu o achei
E o dei ao meu marido.

IAGO

Lixo, mentes!

EMÍLIA

Pelo céu, cavalheiros, que não minto;
Idiota assassino! O que tal tolo
Faz com mulher tão boa?

OTELO

Não há pedras

No céu senão pra trovejar? Maldito.

(Ele avança pra Iago. Iago apunhala Emília.)

Pro diabo agarrar. Fria, menina,
Como a sua pureza; escravo vil!
Açoitem-me, demônios,
Me privem de poder ter tal visão!
Batam-me ao vento! Queimem-me no enxofre,
Lavando-me num mar de fogo líquido!
Desdêmona, Desdêmona! 'Stá morta!
Oh, oh, oh!

(Entram Ludovico, Montano, Oficiais, Iago preso e Cassio em uma cadeira.)

LUDOVICO

Onde está o infeliz precipitado?

OTELO

Se é quem era Otelo, aqui estou.

LUDOVICO

E onde a víbora? Tragam o vilão.

OTELO

Eu olhei os seus pés, mas isso é lenda;
Se és o diabo, não posso matar-te.

(Fere Iago.)

LUDOVICO

Tirem-lhe a espada.

IAGO

Eu só sangro; estou vivo.

OTELO

Não o lamento; eu te quero vivo,
Pois para mim felicidade é a morte.

LUDOVICO

De si, Otelo, que foi bom outrora,
E rebaixou-se aos atos de um escravo,
Que se pode dizer?

OTELO

Seja o que for;
Um assassino honrado, se quiserem,
Pois não agi por ódio, e sim por honra.

LUDOVICO

Esse canalha confessou sua culpa:
E matar Cassio foi plano dos dois?

OTELO

Foi.

CASSIO

Meu general, nunca lhe dei motivo.

OTELO

Assim o creio, e peço-lhe perdão;
Quer, por favor, indagar do demônio
Por que foi que enredou meu corpo e alma?

IAGO

Não me perguntem; o que sabem, sabem.
Não falo nunca mais, de ora em diante.

LUDOVICO

Nem para orar?

GRAZIANO

Com tortura abre a boca.

Como os do vil hindu, jogaram fora
Uma pérola rara, mais preciosa
Que toda a sua tribo; alguém que alheio
Ao hábito das lágrimas, verteu-as
Em abundância, como verte a goma
A seiva de uma árvore da Arábia.
E digam que em Alepo, certo dia,
Quando um maligno turco de turbante
Agrediu um varão veneziano
E insultou rudemente a sua terra,
Peguei a goela ao cão circuncidado
E o golpeei assim! (Apunhala-se.)

LUDOVICO

Oh fim sangrento!

GRAZIANO

A palavra é inútil.

OTELO

A beijei ao matá-la; e a saída
É sobre um beijo eu acabar com a vida.

(Cai sobre a cama e morre.)

CASSIO

Temia-o; mas pensei não ter armas.
Foi um grande coração.

LUDOVICO

Cão danado,
Pior que a angústia, do que a fome ou o mar,
Olha a tragédia que essa cama abraça:

Tua obra é veneno para os olhos;
Que a ocultem. Graziano, guarde a casa
E a fortuna do Mouro assumo agora,
Já que é o herdeiro: em si, governador,
Recai a punição deste demônio,
Com hora e forma da tortura: cumpra-a!
Eu mesmo pra Veneza vou zarpar,
A fim de esta desgraça relatar. (Saem.)

Fim



poemas, para provar que era poeta, e dedicou-os ao Conde de Southampton, que o recompensou em dinheiro, como se fazia na época. Quando reabriram os teatros, deve ter sido com o dinheiro ganho com os poemas que Shakespeare entrou de sócio da companhia chamada "Os Homens de Lord Camerlengo", para a qual passou a escrever, com exclusividade, por todo o resto de sua carreira. Quando da construção do Teatro Globe, em 1599, o poeta passou a ser também acionista da casa de espetáculos. Em 1613, já grande proprietário em Stratford, Shakespeare afastou-se do dia-a-dia do teatro em Londres, escrevendo a última peça de sua autoria exclusiva, e entrando de sócio na compra de um novo teatro, o Blackfriars. Depois disso, colaborou com John Fletcher em uma ou duas peças. Diz a lenda que, no dia 23 de abril de 1616, depois de uma noite com Ben Jonson e outros amigos, tendo "apanhado uma febre", morreu William Shakespeare, ao completar 52 anos.

Barbara Heliodora bacharelou-se em Língua e Literatura Inglesas pelo Connecticut College e doutorou-se em Artes (área de teatro) pela Universidade de São Paulo. Considerada a maior autoridade na obra de William Shakespeare no Brasil, já traduziu 15 peças do dramaturgo e poeta inglês, além de ter escrito dois livros sobre o autor, incontestável gênio da literatura mundial. Com relevantes serviços prestados ao teatro, como professora, crítica, ensaísta, jurada dos mais importantes prêmios brasileiros na área e dirigente do Serviço Nacional de Teatro e do Círculo Independente de Críticos Teatrais, entre outras atividades, Barbara Heliodora teve seu trabalho reconhecido internacional e oficialmente, recebendo a Medalha Connecticut College e tornando-se Oficial da "Ordre des Arts et des Lettres", da França.



Cult. idiana

Cult

Cult. idiana
PRODUÇÕES

Cult. idiana



OTELO

Sabes o que é melhor.

LUDOVICO

Senhor, vai comprehendê o acontecido,

Que creio não saber: eis uma carta,

Encontrada no bolso de Rodrigo;

E eis uma outra: numma se decide

Que Rodrigo é que havia de emprehender

A morte de Cassio.

OTELO

Ah, vilão!

CASSIO

Dos mais vis e mais grossos!

LUDOVICO

E aqui, escrita com insatisfação,

Outra do mesmo bolso que, parece,

Rodrigo ia enviar ao cão maldito,

Mas lago, ao que parece, por acaso,

Explicou-se inda a tempo.

OTELO

Ah, sordidez!

Cassio, como chegou às suas mãos

Um lenço de Desdémmona?

CASSIO

Eu o achei

Assim como elle disse, no meu quarto;

Elle o deixou ali, com o objetivo

De alcançar seu desejo.

OTELO

Ah, tolo, tolo!

CASSIO

Informa ainda a carta de Rodrigo

Que elle acusa a lago por fazê-lo

Atacar-me na guarda, o que acabou

Por perder-me; e affirmou ainda há pouco,

Já parecendo morto, que foi lago

Que o instigou e que o apunhalou.

LUDOVICO

O senhor deve agora vir conosco,

Pois já perdeu o comando e o poder.

Cassio governa Chipre: e o canalla,

Se houver ardilosa crueldade

Que muito e longamente o atormente,

Elle a terra: o senhor fica preso

Até que se conheçam os seus erros

No Estado veneziano; vamos.

OTELO

Uma palavra ou duas, por favor:

Fiz serviços ao Estado; elles o sabem —

Não importa. O que peço é que nas cartas

Em que contarem estes tristes fatos,

Falem de mim qual sou; não dêem desculpas,

E nem usem malícia. Falem só

De alguém que, não sabendo amar, amou

Demais. De alguém que nunca teve faccis

Os crimes; porém que — provocado —

Inquicton-se ao extremo; cujos dedos,

GRAZIANO

Ela cai, ele matou sua esposa.

EMÍLIA

Deitem-me junto à minha ama. (*Sai Iago.*)

GRAZIANO

Ele fugiu; a mulher está morta.

MONTANO

É um completo vilão. Tome esta arma,

Foi a que eu confisquei das mãos do Mouro;

Guardem a porta; e se tentar sair,

Antes mata-lo; eu vou atrás do outro,

Um cão maldito.

(*Saem Montano e Graziano.*)

OTELO

Eu sequer sou valente,

Qualquer ventinho arranca a minha espada;

Mas que honra vive sem honestidade?

Que se vá tudo.

EMÍLIA

A canção era aviso!

Será que inda me ouve? Vou ser cismo,

Com canto eu vou morrer: (*canta*) Chora, chora.

Sendo casta, ela o amava, Mourto cruel;

Por minha salvação digo a verdade.

E dizendo o que penso eu morto, eu morto. (*Morre.*)

OTELO

Eu tenho uma outra arma neste quarto,

Uma espada espanhola, temperada;

Aqui está; tio, eu tenho de sair.

GRAZIANO (*fora*)

Se o tentar, paga caro por isso;

Desarmado, na certa há de perder.

OTELO

Venha aqui pra ver-me, então, e falar-me,

Ou então, assim nu hei de atacá-lo.

(*Entra Graziano.*)

GRAZIANO

Que aconteceu?

OTELO

Veja, eu tenho uma arma,

A melhor que jamais esteve junto

À coxa de um soldado: e houve tempo

Em que, só com este braço e esta espada

Arravessi obstáculos vinte vezes

Maiores que esse seu: mas que vanglória!

Quem controla o seu fado? A hora é outra.

Não tenham medo, mesmo eu estando armado:

Meu caminhar acabou, este é o meu fim;

É o porto final da minha vela.

Recuem pálidos? É medo inútil:

Qualquer palha no peito, e logo Oteló

Se bate em retirada. Mas, pra onde?

Agora, como está? Moça infeliz,

Branca de linho; no acertar das contas,

Seu rosto há de banir do céu minh'alma,

GRAZIANO
Verdade estranha.

MONTANO

Oh, ato monstruoso!

EMÍLIA

Vilania!

Quando penso... eu cheirava a vilania!
Sempre pensei: vou me matar de dor.
Ah, vilania, vilania!

IAGO

Esta maluca? Vai então pra casa.

EMÍLIA

Bons cavalheiros, deixem-me falar;
É certo obedecê-lo, mas não hoje;
É possível que eu nunca vá pra casa.

OTELO

Oh! Oh! Oh! (*Cai na cama.*)

EMÍLIA

Isso, deite pra gemer,
Pois matou a mais doce e inocente
Que jamais existiu.

OTELO (*levantando*)

Não! Era imunda:

Tio que mal conheço, eis sua sobrinha,

Cujo alento estas mãos vêm de cortar;

Sei que esse ato lhe parece horrível.

EMÍLIA

Desminta esse vilão, se é mesmo homem;
Diz ele que você a disse falsa,
Sei que não, pois não pode ser tão vil:
Fale logo, ou meu coração estoura.

IAGO

Eu disse o que pensava, e nada mais
Do que ele constatou ser bem verdade.

EMÍLIA

Mas chegou a dizer que ela era falsa?

IAGO

Cheguei.

EMÍLIA

Mentiu. Só disse o que é mentira odiosa;
Eu juro por minha alma, vil mental!
Falsa com Cassio; disse-lhe com Cassio?

IAGO

Sim, com Cassio, mulher; cala essa boca.

EMÍLIA

Não calo, não; é meu dever falar:

Minh'alma jaz ali, assassinada.

TODOS

Que Deus nos livre!

EMÍLIA

E sua fala preparou a morte.

OTELO

Não se espantem, senhores; é verdade.

EMÍLIA Ai, quem sabe?

OTELO

Tu a ouviste dizer que não fui eu.

EMÍLIA

Que ela o disse eu ouvi, na verdade.

OTELO

Por mentirosa foi queimar no inferno;

Eu a matei.

EMÍLIA

Mais anjo então é ela,

OTELO

E o senhor mais negro demoi!

OTELO

Deu-se à luxúria; era uma rameira.

EMÍLIA

Isso é calúnia, e o senhor um demônio.

OTELO

Foi falsa como a água.

EMÍLIA

E o senhor fogo

Que queima sem pensar. Ela era honesta!

OTELO

Cassio a montou, pergunta ao teu marido;

Quero queimar no fundo dos infernos

Se não agi com base na justiça

Nesse terror; o teu marido o sabe.

OTELO

Rodrigo morto,

E Cassio morto?

EMÍLIA

Cassio não está morto.

OTELO

Não morreu Cassio? Então a morte errou,

E o açúcar da vingança está amargo.

DESDÊMOMA

E eu morta por mentira!

EMÍLIA

Quem gritou?

OTELO

Gritou? Quem?

EMÍLIA

Dia aziago, é a voz da minha ama;

Socorro, fale inda uma vez, senhora!

DESDÊMOMA

Morto uma morte sem culpas.

EMÍLIA

Ai, quem fez isso?

DESDÊMOMA

Ninguém, eu mesma, adeus:

Eu recomendo-me ao meu amo; adeus! (*Morre.*)

OTELO

Por que seria morta?

DESDEMONA

Deus tenha piedade de mim.

OTELO

Amém.

DESDEMONA

E o senhor também. Nunca na vida

O ofendi... e nem nunca amei Cassio

Senão do modo que o permite o céu,

Que eu o amasse. Nunca lhe dei nada.

OTELO

Por Deus, eu vi o lenço em suas mãos:

Perjura, por seu coração de pedra,

Faz-me chamar o que quero fazer

De assassinato, quando é sacrificio;

Eu vi o lenço.

DESDEMONA

Então ele o encontrou.

Eu nunca o dei a ele; chame-o aqui,

Pra confessar o certo.

OTELO

E confessou.

DESDEMONA

O que, senhor?

OTELO

Que ele... a usou.

DESDEMONA

Pecaminosamente?

OTELO

Sim.

DESDEMONA

Não o dirá.

OTELO

Calou-se sua boca;

O honesto lago o providenciou.

DESDEMONA

Meu medo diz, então...

Como? Esta morto?

OTELO

Mesmo com mil vidas

Minha vingança alcançaria todas.

DESDEMONA

Foi traído, e fiquei eu desgraçada.

OTELO

Putá...inda o chora, mesmo em minha frente?

DESDEMONA

Exile-me, senhor; mas não me mate.

OTELO

Deite aí, puta!

DESDEMONA

Mas mate-me amanhã, não esta noite.

OTELO

Não, e se luta...

Cavalleiros, vamos ver Cassio cuidado;
E vem, mulher, contar uma outra história.
Emília, corre à cidadela

E informa os meus amos do ocorrido.
Podemos ir? *(à parte)* Esta noite de lida
Ou me garante ou então me líquida. *(Sacm.)*

CENA II

Um quarto no Castelo.

(Desdêmona, no leito, adormecida.)

(Entra Otelo, com uma tocha.)

OTELO

E a causa, sim, a causa, minh'alma,

Não a nomeio ante as castas estrelas:

E a causa; mas sangue não derramo,

Nem mancho sua pele, alva de neve

E lisa como a glória do alabastro;

Porém tem de morrer, senão trai outros.

Apaço a luz e, então, apaço a luz:

Se a ti eu sufocar, oh flama ardente,

Posso de novo restaurar-te a luz,

Se me arpendo; mas se a voçê apago,

Molde sagaz na natureza excelsa,

Desconheço calor de Prometeu

Que a reacendesse; já colhida,

Não posso dar à rosa força viva;

Tem de secar; vou cheirá-la no galho. *(Beija-a.)*

Hálito quente assim quase convence
A justiça a trair-se uma vez mais:

Se ficar assim morta, vou matá-la,

E amá-la depois: mais uma, a última,

E o doce mais fatal: agora choro,

Mas é pranto cruel, dor celestial

Que golpeia o que ama: ela desperta.

DESDEMONA

Quem está aí? Otelo?

OTELO

Sim, Desdêmona.

DESDEMONA

E vem deitar-se, meu senhor?

OTELO

Fez suas orações?

DESDEMONA

Fiz, meu senhor.

OTELO

Mas se puder lembrar-se de algum crime

Ainda sem perdão do céu e a graça,

Implore-o logo.

DESDEMONA

Ai, ai, senhor; que quer dizer com isso?

OTELO

Seja breve, que eu ando um pouco aqui;

IAGO

Mata-lo no escuro? Que é dos ladrões?

Mas que silêncio! Socorro! Assassinato!

Quem são vocês, são do bem ou do mal?

LUDOVICO

Só julgue-nos depois que nos provarmos.

IAGO

Senhor Ludovico?

LUDOVICO

Ele, senhor.

IAGO

Pego perdao; vilões feriram Cassio.

GRAZIANO

Cassio!

IAGO

Como está passando, irmão?

CASSIO

Stá mutilada a perna.

IAGO

Deus nos livre!

Mais luz! Com a minha camisa eu amarro.

(Entra Bianca.)

BIANCA

O que houve aqui? De quem foram os gritos?

IAGO

De quem foram os gritos?

BIANCA

Ai, meu querido Cassio, doce Cassio!

Cassio, Cassio!

IAGO

Grande rameira! Tem idéia, Cassio,

Ou suspeita de quem o atacou?

CASSIO

Não.

GRAZIANO

Lamento vê-lo assim. Eu o buscava.

IAGO

Dêem cá uma liga. Assim... e uma cadeira

Pra levá-lo daqui!

BIANCA

Ai, ele desmaiou! Cassio! Meu Cassio!

IAGO

Senhores, descobro que esse lixo

Esta misso; paciência, Cassio:

Dêem-me uma luz; será que é conhecido?

É meu compatriota e meu amigo:

Rodrigo? Não — mas, sim, meu Deus, Rodrigo!

GRAZIANO

O de Venêza?

IAGO

Ele mesmo, senhor; o conhecia?

GRAZIANO

Se o conhecia? Sim.

E agora está zangado: se ele mata
A Cassio, ou este a ele, ou morrem ambos,
Tudo faz o meu jogo; se este vive,
Vai exigir que eu restitua tudo,
O ouro e as jóias que eu arranquei dele
Como sendo presentes pra Desdemona:
Não pode ser; se sobrevive Cassio,
Ele tem tal beleza em sua vida,
Que me faz feio; e, mais, o Mourto pode
Desmentir-me ante ele. E um perigo:
Tem de morrer. Que seja. Lá vem ele.

(*Entra Cassio.*)

RODRIGO

Conheço o passo, é ele; cão, tu morrest!

(*Mata Cassio.*)

CASSIO

Esse golpe ia ser forte inimigo,

Mas meu casaco é mais forte que pensas;

Pois vejamos o teu. (*Puxa a espada e fere Rodrigo.*)

RODRIGO

Ai, estou morto!

(*Iago, por trás, fere Cassio na perna, e sai.*)

CASSIO

'Stou aleijado. Assassino! Assassino! (*Cal.*)

(*Entra Otelo.*)

OTELO
A voz de Cassio; Iago é de palavra.

RODRIGO

Mas que vilão eu sou.

OTELO

Ouçam, é mesmo.

CASSIO

Ola, socorro! Luzes aqui! Um médico!

OTELO

E ele; bravo Iago, honesto e justo,

O nobre gesto feito pelo amigo

Sera meu mestre... gíngolo, 'stas morto,

Teu fado 'sta cumprido. Eu já vou, puta;

Sem seus olhos, meu peito será ago;

É mancho em sangue o seu leito devasso. (*Sai.*)

(*Entram Ludovico e Graziano.*)

CASSIO

Ola; não há nem guarda? Assassinato!

GRAZIANO

O que é que houve? O grito é lancinante.

CASSIO

Socorro!

LUDOVICO

Escute!

RODRIGO

Vilão maldito.

Doi minha palavra que acho que o faria, mas deslizia
depois de feito; pela Virgem, não o faria por um anel
de duas argolas; ou por um corte de linho, nem por
vestidos, saíotes ou toucados, nem coisas de exibição;

EMÍLIA

Eu não o creio.

DESDEMONA:

Por um vício pequeno.

O mundo é muito grande, prêmio enorme,

EMÍLIA

Por um mundo de ouro, tu o farias?

DESDEMONA

Algumas há.

EMÍLIA

Com tal grosseria?

Que haja mulher que ofenda o seu marido

Em sa consciência pensas tu, Emília,

Ouvi dizer. Ai, os homens, os homens!

DESDEMONA

Não quer dizer nada.

EMÍLIA

Quer dizer choro?

Boa noite. Vai. São coçando os meus olhos;

Cada tração so guche mais tua cana!

Chora, chora, chora;

Chamei falso o meu amor, ele clama;

DESDEMONA

mas por todo o ouro do mundo? Pelo amor de Deus,
quem não comecava o marido para fazê-lo um monar-
ca? Por isso eu atiscava o purgatório.

DESDEMONA

Maldita fosse eu, se assim crasse,

Nem pelo mundo inteiro.

EMÍLIA

Ora, o erro só é erro ante o mundo; e tendo ganho o
mundo por seu trabalho, é um erro em seu próprio
mundo, e a senhora pode em um instante torná-lo um

acerto.

DESDEMONA

Eu não creio que existam tais mulheres.

EMÍLIA

Sim, uma dúzia e ainda muito mais,

Pra popular o mundo por que jogam.

Mas eu creio que a culpa é dos maridos,

Se a mulher falha: esquecem seus deveres,

Dando o nosso tesouro a outros corpos;

Ou por ataques de ciúmes mesquinhos,

Mantém-nos presas: ou por nos baterem,

(Coitad-nos verbas por mesquinaria.

Nos também temos fel; se somos doces,

Sabemos nos vingar. Sabam os homens,

Que nós temos sentidos, que nós vemos,

Cheiramos, separamos doce e amargo,

Assim como os maridos. O que fazem

Os que nos trocam por outras? Só brincam?

RODRIGO

E é isso que queres que eu faça?

IAGO

Sim, e se quiseses fazer-te um serviço e um proveito, ele ceia esta noite com uma rampeira, onde irei encontrar-lo. ... Ele não sabe ainda de sua boa sorte: se o ob-servas ao sair de lá, o que farei acontecer entre as doze e a uma, podes tomá-lo ao teu prazer: estarei perto para apoiar teu ataque, e entre nós dois, ele cai: vamos, não fiques aí assim, tão espantado, mas vem comigo, pois hei de provar uma tal necessidade em sua morte, que has de julgar-te obrigado a fazê-lo. Já é hora da ceia, e a noite vai passando; ao trabalho!

RODRIGO

Quero ouvir mais razões para isso.

IAGO

Vou satisfazer-te. (Saem.)

Cena III

Outra sala no castelo.

(Entram Otelo, Ludovico, Desdêmona, Emilia, e seqüito.)

LUDOVICO

Ora, senhor, não se incomode mais.

OTELO

Perdão, o caminhar me fará bem.

LUDOVICO

Senhora, boa-noite e obrigado.

DESDEMONA

O senhor é bem-vindo.

OTELO

Caminhamos?

Ah, Desdêmona...

DESDEMONA

Meu senhor?

OTELO

Vá para a cama, eu volto em um instante, dispense sua criada:... faça tudo assim.

DESDEMONA

Farei, meu senhor.

EMILIA

(Saem Otelo, Ludovico e seqüito.)

Como está? Ele pareceu mais calmo.

DESDEMONA

Ele diz que retorna incômodo:

Ordenou-me que eu fosse para a cama,

E que eu te dispensasse.

EMILIA

O quê? A mim?

DESDEMONA

Foi seu pedido; e então, boa Emilia,

IAGO

Você é uma idiota.

DESDEMONA

Ah, meu bom Iago,

Que fazer pra de novo ter meu amor?

Vá procura-lo, amigo; pelo céu,

Não sei como o perdi. Estou de joelhos:

Se contra o seu amor pequei um dia,

Em pensamentos, palavras, ou obras,

On se meus olhos, ou quaisquer sentidos

Procuraram prazer em outra imagem,

On se algum dia, agora, no passado,

On por vir (mesmo que ele me abandone

Em misero divórcio) não o amar,

Seja eu maldita! O malquerer faz muito;

E dele o malquerer me tira a vida,

Mas não mancha o amor. "Putá" eu não digo;

Eu me abomino só por pronuncia-lo;

Fazer o ato que merece o título

Nem pelo mundo inteiro eu poderia.

IAGO

Mas tenha paciência; isso é capricho,

Os negócios de estado o preocupam,

E ele agride a senhora.

DESDEMONA

Se for só isso...

IAGO

E é, sim; eu garanto.

(*fansfarrá*)

Onça, o toque já chama para a cea,

E os delegados de Veneza aguardam;

Vá e não chore: tudo vai dar certo.

(*Saem Desdemona e Emilia.*) (*Entra Rodrigo.*)

Então, Rodrigo?

RODRIGO

Não me parece que tenha agido bem contigo.

IAGO

O que indica o contrário?

RODRIGO

Todo dia me afastas com desculpas, Iago, e antes me

manténs, parece, privado de qualquer vantagem do

que me ofereces qualquer garantia de esperança: eu na

verdade não vou mais agüentar, e nem estou disposto a

aceitar em paz tudo o que por tolice já passei.

IAGO

Queres ouvir-me, Rodrigo?

RODRIGO

Na verdade já te ouvi demais, pois tuas palavras e atos

IAGO

Me acusas com a maior injustiça.

RODRIGO

Apenas com a verdade. Já gastei tudo o que é meu: as

joias que te dei, para Desdemona, tertam cortompidos

uma vestal: tu dizes que ela as recebeu e reagiu dando-

O seu, senhora.

EMILIA

DESDÊMOMA

Não tenho amor; e não me fale, Emilia,

Não tenho lágrimas, nada a dizer,

Senão o dito em pranto; e pr' esta noite

Ponha na cama meus lençóis de núpcias,

Chame aqui seu marido.

EMILIA

Que mudanças! (Sai.)

DESDÊMOMA

Se o merecesse, estava muito bem;

Como me comportei que ele pudesse

Condenar-me a menor das transgressões?

(*Entram Iago e Emilia.*)

IAGO

Que deseja, senhora? Como passa?

DESDÊMOMA

Não sei dizer. Os que ensinam crianças

O fazem com cuidado, pelo fácil;

Assim me devia ter reprecendo,

Sou criança em castigos.

IAGO

O que há, senhora?

EMILIA

Meu amor de tal modo a ofendeu,

. E quem é o seu amor?

DESDÊMOMA

Ora, o que há com o meu amor, senhora?

EMILIA

Com quem?

DESDÊMOMA

Senhora, o que há com o meu senhor?

EMILIA

Quase dormindo, na verdade.

DESDÊMOMA

Minha boa senhora, como está?

Ai, ai, que inventou esse senhor?

EMILIA

Passe a chave, e a boca bem calada. (Sai.)

Ja terminamos; stá aqui seu preço,

E guarda as portas do inferno, sim, você!

Que ocupa cargo oposto ao de São Pedro,

Que se casou com Otelo; ai, você,

Tomiei-a pela puta de Veneza

Eu é que me desculpo,

OTELO

Oh céus, perdão.

DESDÊMOMA

Será possível?

OTELO

(*Entra Emilia.*)

Pois se ela não for casta, fiel, e honesta,
 Não há homem feliz e, das mulheres,
 A mais pura e imunda.

OTELO

Vá chama-la. (*Sai Emilia.*)

Disse bem; mas é mulher simplória,

Não sabe nada; essa puta é sutil,

Que tranca a chave seus mais vis segredos,

E reza de joelhos, que eu já vi.

(*Entram Desdêmona e Emilia.*)

DESDÊMONA

Que quer, senhor?

OTELO

Menina, venha cá.

DESDÊMONA

O que deseja?

OTELO

Deixe eu ver seus olhos...

Olhe-me o rosto.

DESDÊMONA

O que o horroriza?

OTELO (*para Emilia*)

Fulanas do seu ramo

Deixam sozinhos os procrizadores,

E inda tossem, à porta, se alguém chega;

E seu mister, é seu mister; vá embora. (*Sai Emilia.*)

De joelhos; do que é que está falando?
 Compreendo que há fúria no que diz,
 Porém não as palavras.

OTELO

E você, o que é?

DESDÊMONA

Sua esposa, senhor, casta e leal.

OTELO

Jure e dane sua alma;

Senão, sendo do céu, até os demônios

Temerão agarrá-la; então, se dane,

Jure que é honesta.

DESDÊMONA

O céu sabe que sou.

OTELO

O céu a sabe falsa como o inferno.

DESDÊMONA

A quem, senhor? Com quem? Como sou falsa?

OTELO

Ah, Desdêmona, vá-se embora; vá!

DESDÊMONA

Mas que dia aziago, por que chora?

Senhor, sou eu a causa dessas lágrimas?

Se acaso desconfia que meu pai

Foi instrumento pr'essas novas ordens,

OTELO

Demônio! *(Dá-lhe um tapa.)*

DESDÊMOMA

Não mereci isso.

LUDOVICO

Em Veneza, senhor, não o creão,

Se eu jurar que vi isso; é um despropósito,

Pega perdão, ela chora.

OTELO

Oh, demônio!

Se co'esse pranto ela emprenhasse a terra,

Gerava um crocodillo cada lagrima.

Fora daqui!

DESDÊMOMA

Não fico, se o ofendo. *(Vai saindo.)*

LUDOVICO

Uma dama deveras obediente:

Eu lhe imploro, senhor; chame-a de volta.

OTELO

Mulher!

DESDÊMOMA

Meu senhor?

OTELO

Senhor, que quer com ela?

LUDOVICO

Eu, senhor?

OTELO

Sim, pois pediu que a fizesse voltar:

E ela pode voltar, e girar, e voltar mais,

Girando aos prantos; sim, senhor, aos prantos;

E, como disse o senhor, é obediente;

É muito obediente. Va chorar.

Quanto a isto, senhor — Oh paixão bela! —

Sou comandado.... saia já daqui,

Mando chamá-la logo... Eu cumprio as ordens,

E volto pra Veneza... Vamos, fora!

(Sai Desdêmoma.)

Cassio terá meu posto; e, meu senhor,

Rogo que à noite nós ceiemos juntos.

Bem-vindo a Chipre. Bodes e macacos! *(Sai.)*

LUDOVICO

É este o nobre Mouro que o senado

Chama impecável? Essa a natureza

Tão inune à paixão? Cujas virtudes

O golpe accidental, a seta a esmo

Não marca e nem penetra?

IAGO

Mudou muito.

LUDOVICO

Esta segura a esposa? Ele está louco?

IAGO

Esta como está; não me cabe arbitrar

Se está ou não; mas se não estiver,

Bom fora estar.

IAGO
O que é mais inundo ainda!

OTELO
Arranje-me veneno, Iago; inda esta noite; não quero discutir com ela, para que seu corpo e sua beleza não me enfraqueçam de novo a mente; esta noite, Iago.

IAGO
Não use veneno, estrangule-a na cama, na mesma cama que ela contaminou.

OTELO
Bom, bom, essa justiça me agrada, muito bem.

IAGO

Quanto a Cassio, deixe que eu me encarregue dele; terá mais novidades à meia-noite.

OTELO

Excelente. (*fansfaras fora*) Que fantasia é essa?

(*Entram Ludovico, Desdêmona, e séquito.*)

IAGO

Por certo é de Veneza; é Ludovico, vindo do duque; vem com sua esposa.

LUDOVICO

Deus salve o grande general!

OTELO

Senhor!

LUDOVICO

O duque e os senadores o saúdam.

IAGO

Não, seu caminho não é esse.

OTELO

Que morta, digo apenas o que ela é: tão delicada com a agulha, musicista admirável, Ah, seu canto domina a selvageria de um urso; de espírito e fantasia tão finos e generosos!

IAGO

Por isso mesmo ainda pior.

OTELO

Mil mil vezes mais: de tão alto berço!

IAGO

Até demais!

OTELO

Isso é certo, mas que pena que dá, Iago, que pena que dá, Iago!

IAGO

Se ama tanto sua iniquidade, dê-lhe permissão para ofender, pois se não atinge o senhor, não importa a mais ninguém.

OTELO

Vou fazer picadinho dela... Cornear-me!

IAGO

Ela é inundo!

OTELO

Com um oficial meu!

eu vou casar com ela, graças a seu amor e imaginação, e não por ter eu feito qualquer promessa.

OTELLO

Iago acena. Vai começar a história.

CASSIO

Ela esteve aqui ainda há pouco, me persegue por toda parte. No outro dia eu estava a beira-mar, com uns venezianos, e lá veio a tonta; palavra que pulou no meu pescoco..

OTELLO

Como gritando "Cassio, meu querido!": é o que quer dizer seu gesto.

CASSIO

E se pendura em mim, e chora, e se sacode; e me saída e puxa, ha, ha, ha!

OTELLO

Agora está contando como ela o levou para o meu quarto. Estou vendo bem o seu nariz, mas não o cão para o qual vou jogá-lo.

CASSIO

Bom, vou ter de abandoná-la.

(*Entra Bianca.*)

IAGO

Raios me partam; lá vem ela.

CASSIO

Essa não passa de um gato bravo, perfumado. Que história é essa de ficar me perseguindo?

OTELLO

Agora ele provoca,
Para que continue; muito bem!

IAGO

Ela espalhou que vai casar com ela,
E o que planeja?

CASSIO

Ha, ha, ha!

OTELLO

E triunfa, romano? Inda se gaba?

CASSIO

Casar com ela? o quê? sou cliente;

Por favor, pense mais do meu bom senso,
Não pense que sou louco. Ha, ha, ha!

OTELLO

Isso, isso, isso: o riso sempre ganha.

IAGO

Pois corre que vai se casar com ela.

CASSIO

Por favor, fale sério.

IAGO

Sou vilão se é mentira.

OTELLO

Marcou-me, então? Muito bem.

CASSIO

Isso foi a macaca que espalhou; está convencida de que

É hora pra nós dois conferenciarmos. (Sai Cassio.)
Senhor, como é? Machucou a cabeça?

OTELO

Zomba de mim?

IAGO

Zombar, eu? Não, eu juro.

Tem de enfrentar seu fado como um homem!

OTELO

Homem cornudo é um monstro, uma fera.

IAGO

Ha muita fera então, numa cidade,
E muito monstro urbano.

OTELO

Confessou ele?

IAGO

Senhor, seja homem!

Lembre que todo homem preso à canga

Faz junta com o senhor; pois milhões vivem

Dormindo toda noite em cama alheia

Que dizem suas; seu caso é melhor:

E o pior deboche do demônio,

Beijar perdida em leito garantido,

Supondo-a casta. Não; quero saber,

E sabendo o que sou sei o futuro.

OTELO

Eu sei que é sábio.

Chagas de Cristo, isso é nojentol! O lenço — confissões — o lenço! Confessar e se enforcar por isso. Primeiro ser enforcado, e depois confessar; tremo a idéia. A natureza não se lançaria a paixão tão obscura sem ter algum sentido. Psi! Narizes, orelhas e lábios. Será possível? — Confessar? — O lenço? — Ah, demônio! (Ele cai.)

IAGO

Vamos, trabalhai!

Avante, meu remédio: assim os crédulos,

Assim os tolos e as mulheres castas

Sem culpa são punidos. Meu senhor!

Ouçá, senhor! Otelol

(*Entra Cassio.*)

Então, Cassio?

CASSIO

O que houve?

IAGO

O meu amo caiu, com epilepsia;

É um novo ataque; teve um outro ontem.

CASSIO

Lhe esfregue as têmporas.

IAGO

Não, não; espere.

A letargia tem um curso certo,

Se não segui-lo, baba, e daí a pouco

Fica louco e selvagem; vç, se move:

É melhor afastar-se por um pouco:

Logo se cura; e quando ele sair,

Porém não me ama:
Acompanhe-me um pouco, por favor,
E diga-me se o vejo logo à noite.

CASSIO

Só posso ir com você por um pouquinho;
Devo esperar; porém a verei logo.

BIANCA

Esta bem; compreendo as circunstâncias. (Saem.)

Cena 1

O mesmo local.

(Entram Iago e Oteló.)

IAGO

Mas pensa assim?

OTELO

Se penso, Iago?

IAGO

O quê?

Um beijo oculto?

OTELO

Um beijo proibido.

IAGO

Ou ficar nua ao leito com um amigo

Por uma hora ou tal, sem ser por mal?

OTELO

Nua no leito, Iago, e não por mal?

Seria hipocrisia contra o demônio:

DESDEMONA

Gentil Cassio,

Minha defesa está desafiada;

Meu senhor não é ele; e se mudasse

Assim de rosto, eu nem o conhecia.

Que as almas do céu todas me ajudem;

Falando em seu favor, fiz o que pude,

E virrei alvo de seu desprazer

Por ter falado: tem que ter paciência;

O que possa eu fazer, que será mais

Do que por mim eu ouso. Que isso baste.

IAGO

Meu amo está zangado?

EMÍLIA

Foi-se agora,

Na mais estranha das iniquitações.

IAGO

Ele se zangar? Pois já vi canhões

Atrair suas tropas pelos arcos;

E (qual demônio) de seu próprio braço

Arrastar seu irmão; ele se zangar?

Deve ser importante; vou buscá-lo,

E coisa grande, se ele assim se zangar.

DESDEMONA

Sim, por favor; na certa é algo de estado,

Ou de Veneza, ou algum plano oculto

Descoberto por ele aqui em Chipre,

Que lhe turbou a mente, e em tais casos

Os homens lutam com coisas menores

Embora as grandes sejam o problema.

É assim mesmo; pois se dói um dedo,

Todas as nossas partes, mesmo sãs,

Concentram-se na dor; lembremos sempre

Que os homens não são deuses;

Nem deles esperemos atenções

Como das bodas: que vergonha, Emília,

Eu estava (pois sou um mau soldado)

A acusá-lo de mau com minha alma:

Mas vejo que compeei a testemunha

E ele foi falsamente indiciado.

EMÍLIA

Eu rezo pr'as razões serem de Estado,

Como pensa, e não ciúmes loucos

A seu respeito.

DESDEMONA

Que tristeza; jamais eu lhe dei causa!

EMÍLIA

Isso não basta pr'alma ciumenta;

Não é por causa que se tem ciúme,

Só se o tem porque se o tem; é um monstro

Que é gerado e partido por si mesmo.

DESDEMONA

Que ele não entre na mente de Otelo!

EMÍLIA

Senhora, amém!

DESDÊMOMA

Corações de donzelas.

E tingida com mímias que conservam

Vindo a seda de larvas consagradas,

Com sua fúria profética tecen-o;

Cercar o sol mais de duzentas vezes,

Uma sibila, que já vira o mundo

É bem verdade; há mágica na trama;

OTELO

Mas será possível?

DESDÊMOMA

Que nada ignale.

Perdê-lo ou dá-lo seja perdição

Cuide-o com amor, para que, a seus olhos,

O desse a ela. Eu o fiz; pense bem,

E pediu-me, que se eu tivesse esposa,

Outros amores: morrendo, ela m' o deu,

A vertam com ódio, e buscariam

Ou o desse a alguém mais, os olhos dele

Só para o seu amor; mas se o perdesse,

Sendo gentil, prenderia meu pai

E lhe disse que, enquanto ela o guardasse,

Era magra, que lia a mente alheia,

Uma egípcia é que o deu à minha mãe;

É falta grave.

OTELO

Digo que não, senhor.

DESDÊMOMA

Mas que verdade; portanto, cuidado.

OTELO

DESDÊMOMA

Quisera Deus jamais eu tê-lo visto!

OTELO

Ah, é? Por quê?

DESDÊMOMA

Por que fala tão grosso e amagador?

OTELO

Perden-o? Foi-se? Diga, desapareceu?

DESDÊMOMA

Deus nos acudal!

OTELO

O que disse?

DESDÊMOMA

Não o perdi; mas se perdesse?

OTELO

Ah!

DESDÊMOMA

Digo que não perdi.

OTELO

Vá então buscá-lo.

DESDÊMOMA

Eu posso ir, senhor; mas não agora;

Isso é só truque pra mudar de assunto,

Mas peço que receba Cassio agora.

CÔMICO

Não sei onde se hospeda, e se inventar um lugar e dizer que o abriga, ou que há briga onde está, é comprar uma briga com mentira.

DESDÊMOMA

Será que poderia indagar e ficar mais instruído pelo que ouvir?

CÔMICO

Vou catequizar o mundo por ele, isto é, fazer perguntas e por elas conseguir respostas.

DESDÊMOMA

Procure-o, peça-lhe que venha aqui, que implorei a meu senhor em favor dele, e espere que tudo saia bem.

CÔMICO

Fazer isso fica dentro da abrangência humana, e portanto eu tentarei fazê-lo.

DESDÊMOMA

Onde terei perdido o lenço, Emília?

EMÍLIA

Não sei, senhora.

DESDÊMOMA

Juro que antes perderia a bolsa

Com cruzados, pois se meu nobre Mouró

Não fosse firme, e livre de baixezas

Como as dos ciumentos, isso bastava

Pra que pensasse mal.

Hei de achar meios de matar depressa

A bela infame: agora é meu tenente.

IAGO

Sou seu pra eternidade. (Saem.)

Cena IV

No mesmo local.

(Entram Desdêmoma, Emília e o Cômico.)

DESDÊMOMA

Sabe, rapaz, onde se abriga o Tenente Cassio?

CÔMICO

E quem sou eu pra dizer se ele briga?

DESDÊMOMA

O que é isso, homem?

CÔMICO

Ele é soldado, e dizer se há briga para soldado sempre

acaba em facada.

DESDÊMOMA

Deixe disso; não sabe onde ele se hospeda?

CÔMICO

Dizer onde se hospeda é comprar briga pra mim.

DESDÊMOMA

Existe algum modo de conseguir sentido nisso?

OTELO

Ah, morte! Ah, maldição!

IAGO

Eu creio ser difícil e tedioso

Leva-la a tanto, para maldizê-los;

Pois ninguém, a não ser seus próprios olhos,

Os vê acasalar. E então? E então?

Que direi eu? Como lhe dar certeza?

E impossível que o senhor os visse,

Nem que fossem quais bodes ou macacos,

Orgulhosos quais lobos, ou tão tolos

Quanto um idiota bêbado; mas digo-lhe,

Se implicação ou forte circunstância,

Que levam recto à porta da verdade,

O satisfazem, elas serão suas.

OTELO

Dê-me um indício forte que ela é falsa.

IAGO

Não me apraz a tarefa,

Mas já que até aqui entrei no caso,

Por tollice de amor e honestidade,

Eu falo: há dias pernoitei com Cassio,

E, sofrendo com forte dor de dentes,

Eu não pude dormir.

Certos homens têm alma tão devassa

Que até no sono falam de seus casos,

E um desses tais é Cassio:

Ouvi-o murmurar "Doce Desdêmona,

Fique alerta; ocultemos nosso amor"

E depois, agarrando a minha mão,

Gritou "Dogura!" e me beijou com força,

Como se pra arrancar pela raiz

Os beijos que cresciam nos meus lábios,

Cobriu-me a coxa co'a perna, e entre beijos,

Maldisse o fado que a doara ao Mouro!

OTELO

E monstruosos!

IAGO

Não; era só sonho.

OTELO

Mas que denota conclusão patente.

IAGO

E uma dúvida amarga, embora sonho,

E serve pra adensar algumas provas

Que sejam em si leves.

OTELO

Fa-la-ei em pedaços.

IAGO

Não, seja sabio; nada ainda vimos,

Talvez seja inda honesta; mas, me diga,

Algumas vezes já não viu um lenço,

Com estampa de morangos, nas mãos dela?

OTELO

Eu a dei um; meu primeiro presente.

IAGO

Isso eu não sei; porém um lenço assim —

IAGO (agarrando-o)

Ora essa, o que lhe importa?

EMÍLIA

Se não for para coisa de importância,

Dê-me aqui, que a coitada fica louca

Assim que der por falta.

IAGO

Saiba só que tenho uso pra ele...

Vá, deixe-me aqui. (Sai Emília.)

Eu deixo o lenço aonde dorme Cassio,

Para que ele o encontre: tais bobagens

Pro cumprimento são provas tão firmes

Quanto o Evangelho; pode funcionar.

O meu veneno está mudando o Mourto:

A idéia perigosa é um tal veneno,

Que se a princípio incomoda pouco,

Mesmo um pouco, mesclado no sangue,

Quemna igual ao enxofre. E como eu digo:

(Entra Otelo.)

La vem ele; papoula nem mandágora,

Nem no mundo qualquer entorpecente,

Vai conseguir levá-lo ao doce sono

De que ontem gozava.

OTELO

O que? Trair-me a mim?

IAGO

O que é isso, general? Agora chega.

OTELO

Va-se embora, que está me torturando.

Antes prefiro ser muito traído

Que só saber um pouco.

IAGO

Mas, senhor?

OTELO

De sua luxúria o que sabia eu?

Não via, não pensava, não sofria,

Dormia bem, era livre e alegre;

Não tinham gosto de Cassio seus beijos;

Quem é roubado mas não dá por falta,

Se não souber, não foi roubado, enfim.

IAGO

Lamento ouvi-lo.

OTELO

Estaria feliz se toda a tropa

Seu doce corpo houvesse já provado,

Sem eu sabê-lo. Para sempre, agora,

Adens, mente tranqüila, adens repouso:

Adens tropa empunhada, grandes guerras,

Que dão virtude à ambição. Oh, adens

Adens corcel que grita, adens trombetas,

Adens tambor que excita, flauta aguda;

Estandarte real, todo atributo,

Orgulho, pompa, e mais glórias da guerra!

E máquinas letais, cujas gargantas

Criam clamor como o do eterno Júpiter;

Adens; a ocupação de Otelo foi-se!

IAGO

E possível, senhor?

IAGO (*saindo*)

Senhor, eu me despeço.

OTELO

Por que casei-me? Esse amigo honesto

Por certo sabe mais, e vê, do que revela.

IAGO (*voltando*)

Quem me dera, senhor, poder dizer-lhe

Que não pensasse nisso por um tempo:

Mesmo que Cassio deva ter seu posto,

Pois para preenche-lo ele é capaz,

Se pudesse adia-lo por um pouco,

Podera observá-lo e a seus atos;

E ver se sua esposa roga muito,

Se o importuna com grande veemência,

O que é revelador; nesse interim

Deixe que eu pense que temi demais

(O que temo, por ser tão grande a causa);

E a julgue inocente, meu senhor.

OTELO

Não tema por meu critério.

IAGO

De novo eu me despeço. (*Sai.*)

OTELO

E grande a honestidade desse homem,

E é sábio quando afere as qualidades

Do ser humano. Se a provo indomada,

Mesmo pecada às fibras do meu peito,

Eu a empurro, batida pelo vento,

Pro seu fado. Quicá por ser eu preto,

E faltar-me as artes da conversa

Dos cortesãos, ou por estar descendo

Para o vale dos anos — mas nem tanto —

Ela foi-se, ofendeu-me, e o meu alívio

Tem de ser odia-la. Casamento

Maldito, que nos dá tais criaturas,

Mas não seus apêctes! Antes ser

Um sapo no vapor de um calabouço

Que ter só parte de uma coisa amada,

Priso dos outros: é praga dos grandes,

Com mais direito a isso que os menores,

Destino inevitável, como a morte:

Essa maldita praga bifurcada

E nossa de nascença. Eis Descêmona,

Se ela é falsa, o céu de si faz pouco.

Não acredito.

(*Entram Descêmona e Emília.*)

DESCÊMONA

Caro Oteio, então?

A ceia e a boa gente desta ilha

Que convidou, estão à sua espera.

OTELO

E culpa minha.

DESCÊMONA

Por que a voz tão fraca? Não está bem?

OTELO

Eu estou com uma dor aqui na testa.

Não entriquee com o que me tirou,
Mas a mim deixa pobre, realmente.

OTELO

Juro que hei de saber seu pensamento.

IAGO

Nem me tirando o coração o pode,

Muito menos enquanto ele for meu:

Ah, cuidado com o ciúme;

É o monstro de olhos verdes que debocha

Da carne que o alimenta. Vive o corvo

Ciente feliz, se não amar quem peca:

Mas como pesa cada hora àquela

Que ama, duvida, suspeita, e mais ama!

OTELO

Miséria!

IAGO

São ricos pobre e rico satisfeitos,

Mas a maior riqueza é indigente

Pro que vive com medo de ser pobre.

Que Deus e a minha tribo me defendam

De ter ciúmes!

OTELO

Mas por que diz isso?

Julgas que eu viveria ciumento?

A esperar cada fase da lua

Com novas suspeitas? Não, se duvido,

Resolvo logo. Chamem-me de bode

Quando eu chegar a entregar minh'alma

A problemmas nojentos e voláteis
Como os que sugeriu: não da ciúmes

Dizer que é bela e cortês minha esposa,

Que fala bem, que toca, dança e canta;

Onde há virtude, essas são virtuosas:

Nem de meus poucos méritos eu tiro

Qualquer temor, ou penso que ela peque,

Pois, tendo olhos, escolheu a mim.

Só duvido se eu vir, e vir com provas:

E havendo prova, o que resta é isto:

Rengo, juntos, o amor e o ciúme!

IAGO

Algo-me, pois ora tenho causa

Pra demonstrar-lhe amor, como dever,

Sendo mais livre; e como prometi

Ouca o que digo: não fallo de provas;

Olhe bem a sua esposa com Cassio;

Com um olhar sem ciúme ou seguranga,

Não quero vê-lo, nobre e generoso,

Ser por isso abusado; fique alerta:

Conheço os hábitos de nossa pátria;

Em Veneza elas deixam Deus ver coisas:

Que não ousam mostrar a seus maridos:

O feito só não pode ser sabido.

OTELO

O que me diz?

IAGO

Ela enganou o pai para casar-se,

OTELO
Honesto? Sim, honesto.

IAGO
Senhor, no que eu saiba.

OTELO
O que está pensando?

IAGO
Pensando, senhor?

OTELO
Pensando, senhor? Por Deus, faz de cco,

Como se ele pensasse em algum monstro,

Feio demais pra vista: o que é que pensa?

Ouvi, há pouco, que não gosta disso,

Quando Cassio saiu; do que não gosta?

E quando disse que sabia tudo,

Durante minha corte, disse "E mesmo?"

Franzindo nesse instante a sua testa,

Como tentando trancar em seu cérebro,
Alguna idéia horrível: se me ama,
Diga o que pensa.

IAGO
Senhor, sabe que o amo.

OTELO
Assim o creio,

E que eu saiba, com amor e honestidade,
Pesa as palavras antes de dizê-las,

E me assusta, portanto, ao hesitar;

IAGO

Nobre senhor...

OTELO

() que me diz, Iago?

IAGO

Durante a sua corte, soube Cassio

Do seu amor?

OTELO

Desde o início...Mas por que pergunta?

IAGO

Só pra satisfazer um pensamento.

Sem mais mal.

OTELO

Mas no que pensou, Iago?

IAGO

Eu não julgava que ele a conhecesse.

OTELO

Serviu-nos de correio muitas vezes.

IAGO

E mesmo?

OTELO

E mesmo? E mesmo: mas o que vê nisso?

Ele não é honesto?

IAGO

Honesto, senhor?

Pois sua defensora há de morrer
Antes que abandonar a sua causa.

(*Entram Otelo e Iago.*)

EMILIA

Eis meu senhor, Madame.

CASSIO

Madame, eu me retiro.

DESDÊMOMA

Fique, para me ouvir falar.

CASSIO

Agora não, estou constangido,

Sem jeito pra ajudar meu caso.

DESDÊMOMA

Muito bem, seja como preferir.

IAGO

Ah, eu não gosto disso.

OTELO

O que me disse?

IAGO

Nada, senhor, ou se... eu não sei bem.

OTELO

Não foi Cassio que deixou minha esposa?

IAGO

Cassio, senhor?... não posso acreditar

Que se esgueirasse assim, com ar de culpa,

Só por vê-lo.

OTELO

Pois creio que era ele.

DESDÊMOMA

Como está, meu senhor?

Stava falando com um suplicante,

Que muito sofre por seu desprazer.

OTELO

Fala de quem?

DESDÊMOMA

Meu bom senhor, de Cassio, o seu tenente;

Se eu tiver o poder de comovê-lo,

Reconcilie-se logo com ele,

Pois se há alguém que o ama,

Que erra por engano e não por manha,

Então não sei julgar um rosto honesto.

Chame-o de volta.

OTELO

Ele saiu agora?

DESDÊMOMA

Saiu, sim; estava tão humilhado

Que sua dor ficou parte comigo.

Sofro com ele, amor; chame-o de volta.

OTELO

Agora não; depois, doce Desdêmoma.

DESDÊMOMA

Porém breve?

neral já estiver de pé, diga-lhe que um tal Cassio lhe implora o favor de umas palavras... será que pode?

CÔMICO

De pé já está, e se o pé der para chegar até aqui, eu a informarci.

(*Entra Iago.*)

CASSIO

Vá, meu amigo. (*Sai o Cômico.*)

Em boa hora, Iago.

IAGO

O senhor não dormiu, então?

CASSIO

Não. Era dia quando nos deixamos:

Tomiei a liberdade, Iago,

De chamar sua esposa... Meu pedido

É que me obtenha algum modo de acesso

A virtuosa Desdêmona.

IAGO

Há de vir,

E eu, com arte, hei de afastar o Mourto

Deste caminho para que conversem

Mais livremente.

CASSIO

Humilde eu lhe agradeço. (*Sai Iago.*)

Eu nunca vi

Florentino mais honesto e bondoso.

(*Entra Emilia.*)

EMILIA

Bom-dia, bom tenente; eu sinto muito

Seu desprazer, mas tudo há de dar certo,

O general e a esposa falam disso,

E ela o defende muito: diz o Mourto

Que quem feriu tem grande fama em Chipre,

E grandes ligações, e por bom senso,

Só podia afastá-lo. Mas que o ama,

E não precisa mais que sua afeição

Pra aproveitar ocasião propícia

E trazê-lo de volta.

CASSIO

Mesmo assim,

E se julgar correto assim fazê-lo,

Pego um momento pr'algumas palavras

Com Desdêmona a sós.

EMILIA

Por favor, entre;

Vou levá-lo onde há de encontrar tempo

Pra abrir o coração.

CASSIO

Muito obrigado. (*Saem.*)

Pois não vai tudo bem? Cassio espancou-te
 Mas, com essa dor, tu demitiste Cassio;
 Se muita coisa cresce à luz do sol,
 Primeiro fruto amadurece logo;
 Contenta-te, portanto; é de manhã;
 Prazer e ação encurtam nossas horas;
 Vai deitar-te, onde estas aquartelado,
 Vai logo, mas depois sabertas mais:
 Não, vai-te logo.
 (Sai Rodrigo.)
 Há muito o que fazer,
 Emilia há de pedir por Cassio à ama,
 Eu a investigar.
 Quanto a mim, pego o Mouro um pouco à parte,
 E o levo de surpresa aonde Cassio
 Suplica à sua mulher: é essa a hora;
 Não posso perder tempo com demora. (Sai.)

IAGO

Estou nesta caçada não como o cão que lidera mas
 como qualquer um da matilha: meu dinheiro já quase
 acabou, e esta noite apanhei uma boa surra: Creio que
 o resultado vai ser que só ganharei experiência com
 tudo o que estou passando, seja lá o que for, sem di-
 nheiro nenhum, e de volta a Veneza só com o que
 aprendi.

RODRIGO

Aconselhando Cassio a um tal caminho,
 Que só lhe trará bem? Bendito inferno!
 Pra cometer seus mais negros pecados,
 Os demónios começam celestiais,
 Como eu agora: enquanto o tolo honesto
 Pede a Desdémoma que o ajude e salve,
 E ela por ele há de implorar ao Mouro,
 Eu derramo em seu ouvido o veneno
 Que é por luxúria que ela o quer de volta;
 E quanto mais buscar ela ajuda-lo,
 Mais o desacredita junto ao Mouro;
 Transformo assim sua virtude em piche,
 E com sua bondade eu teço a rede
 Que há de enredar os três.
 (Entra Rodrigo.)
 Então, Rodrigo?

Como são pobres os impacientes!
 Feridas não se curam só aos poucos?
 Jogamos com a esperança, não com magia,
 Espírito, pra agir, precisa tempo.

idiôces pomposas com a própria sombra? Oh espírito invisível do vinho, se não és conhecido por nenhum nome conhecido, vamos chamar-te diabol

IAGO

Quem foi que o senhor saiu perseguindo com a espada? O que lhe fez ele?

CASSIO

Eu não sei.

IAGO

Será possível?

CASSIO

Eu me lembro de um montão de coisas, mas nenhuma distintamente; uma briga, mas sem motivo. Meu Deus, como podem os homens enfiar um inimigo na boca, a fim de lhes roubar o cérebro; ou nós com alegria, festa, prazer e aplauso, transformarmo-nos em animais!

IAGO

Mas o senhor agora parece muito bem; como se recuperou desse modo?

CASSIO

Por capricho do demônio embriaguez, que cedeu lugar ao demônio ira; uma imperfeição revela-me ainda outra, e faz-me desprezar a mim mesmo.

IAGO

Vamos, é moralista muito severo; na época, o local e a condição em que se encontra esta terra, claro que despareceria como esta, remende-o em seu próprio benefício.

Como é, tenente, está ferido?

CASSIO

Para além de qualquer cura.

IAGO

Santa Mãe, que Deus não o permita!

CASSIO

Reputação, reputação, perdi minha reputação! Perdi a parte imortal, senhor, de mim mesmo, e o que resta é animal; minha reputação, Iago; minha reputação!

IAGO

Honestamente, pensei que havia recebido algum ferimento no corpo, que é bem mais grave do que na reputação: reputação é uma invenção inútil e fabricada, muitas vezes conseguida sem mérito e perdida sem necessidade. Ninguém perde nada de reputação a não ser que se considere como perdedor; vamos, homem, há muitos jeitos de se conquistar de novo o general: o senhor foi só apalhado em um mau momento dele, punido mais por política do que por inimizade, isso mesmo, assim como quem espanca seu cachorro inofensivo para espantar algum leão ameaçador: basta que o procure, como suplicante, que ele será seu de novo.

CASSIO

Eu suplicaria antes para ser desprezado, do que para enganar um comandante tão bom com um oficial tão fútil, tão bêbado e tão indiscreto. Bêbado?, e falando como papagaios? e discutindo? e se exibindo? a debater

OTELO

Parém ou morram!

IAGO

Bom tenente, Montano, cavalheiros —

Esquecem onde estão e o seu dever?

Mas que vergonha! O general falou!

OTELO

Vamos, vamos; como é que começou?

Virmos turcos e a nós mesmos fazemos

O que o céu impediu aos otomanos?

Sejam cristãos e parém com essa briga;

Quem se mexer pra agradar sua raiva

Esquece a alma e ao mover-se, morre;

Parém o sino; alma toda a ilha

Em seu reponso. O que foi, senhores?

Honesto Iago, de ar tão lamentoso,

Diga — quem começou? Amigo, eu peço.

IAGO

Não sei, estavam todos se entendendo,

Nos termos e no jeito, como noivos

Se despindo pra deitar; de repente,

Como se algum planeta os atingisse,

Saltam espadas contra um peito e outro,

Em combate sangrento. Eu não sei bem

Quem começou essa luta mesquinha;

Pena é não ter perdido em guerra nobre

As pernas com que entrei em coisa assim!

OTELO

Esqueceu-se, Michêle, de quem era?

CASSIO

Peço perdão; não posso nem falar.

OTELO

Bravo Montano, sempre tão cortês,

E cuja criteriosa juventude

O mundo conheceu, dando ao seu nome

O elogio dos sábios; o que houve,

Pra assim manchar sua reputação

E trocar o respeito pelo nome

De badernete? Quero uma resposta.

MONTANO

Nobre Otelô, eu estou muito ferido,

O alferes Iago é que pode informá-lo —

Enquanto eu calo, pois falar me custa —

De tudo o quanto sei, e não sei nada

De reproável no que disse ou fiz,

A não ser que ter honra seja vício,

E a defender-nos seja hoje pecado

Se nos atacam.

OTELO

Juro, pelos céus,

Que o sangue já começa a dominar-me,

E a paixão, me atacando o julgamento,

Amarga vencer. Por Deus, se eu ajo,

Se levanto este braço, o mais capaz

Dentre vocês afunda: digam logo

Como e por quem foi começada a briga,

E o culpado provado desta ofensa,

Mesmo que gêmeo meu, do mesmo parto,

TODOS
Mais do que bem.

CASSIO
Muito bem, então; mas não devem pensar que eu este-
ja bêbado. (Sai.)

(MONTANO)
Para a plataforma, amigos. Vamos dar guarda.

IAGO
Veja o homem que foi à sua frente,
Como soldado ele é digno de César,
E até de comandar: porém seu vício
É um equívoco pras suas virtudes,
Da mesma dimensão: é de dar pena,
E temo que por confiar o Mourto nele,
Um dia de fraqueza como este
Abale a ilha.

MONTANO
Mas isto é frequente?

IAGO
Sempre acontece antes de ir dormir:

Pode dar guarda dois dias seguidos
Se fica sem beber.

MONTANO
Seria bom
Que o general fosse informado disso;
Talvez não o perceba, ou, porque é bom,
Só veja em Cassio a virtude aparente,
E não olhe pros males: não é isso?

Pois então vista a capa e dê no pé".
Mais vinho, vamos!

CASSIO
Juro por Deus que essa canção ainda é melhor do que
a outra.

IAGO — Quer ouvi-la outra vez?

CASSIO
Não, porque considero quem faz essas coisas indigno
deste lugar: muito bem, Deus está no alto, e há almas
que devem ser salvas, e almas que não devem ser salvas.

IAGO
Lá isso é verdade, bom tenente.

CASSIO
Da minha parte, sem querer ofender o general nem
ninguém.

IAGO
E eu também, tenente.

CASSIO
Ah, mas com sua licença, não antes de mim; o tenente
deve ser salvo antes do alferes. Agora chega disso, e
vamos ao que nos importa: Deus que perdoe nossos
pecados! Cavalleiros, vamos ao trabalho. Nãoensem
os senhores que esteja bêbado; este é o meu alferes, esta
a minha mão direita, e esta minha mão esquerda: neste
momento eu não estou bêbado, posso ficar de pé mu-
to bem, e falar muito bem.

galantes de Chípre que gostariam de beber um gole à
saúde do negro Otelo.

CASSIO

Não esta noite, meu bom Iago; tenho a cabeça triste-
mente fraca para bebida: gostaria que a cortesia inven-
tasse um outro tipo de costume para festejar.

IAGO

Ora, são amigos nossos... só um copo: eu bebo por
você.

(CASSIO)

Ja tomei um copo esta noite, e mesmo assim diluído, e
veja as novidades que já criou aqui: tenho a infelicidade
dessa molestia, e não ouso expor minha fraqueza a mais
nenhum.

IAGO

O que é isso, homem; é uma noite de festa, nossos
amigos estão pedindo.

CASSIO

Onde estão eles?

IAGO

Aí na porta. Peço que os convide a entrar.

CASSIO

Vou convidar, mas é a contragosto.

IAGO

Se eu o faço engolir sequer um copo,
Além daquele que tomou mais cedo,
Vai ficar mais briguento e ofensivo

(Saem Otelo e Desdêmona.) (Entra Iago.)

CASSIO

Bem-vindo, Iago, temos de ir para a guarda.

IAGO

Agora, não, tenente, ainda não são dez horas; o nosso
general nos deixou cedo assim por amor à sua Desdê-
mona, e portanto não o culpemos: ele ainda não gozou
os prazeres da noite com ela, que é diversão para
Júpiter.

(CASSIO)

Ela é uma senhora do maior requinte.

IAGO

E aposto que cheia de encantos.

CASSIO

Em verdade, é uma criatura cheia de frescor e delicadeza.

IAGO

E que olhos! A mim parecem um desafio ou provocação.

CASSIO

Um olhar amável, porém sempre modesto.

IAGO

E quando fala, é um alarme para o amor.

CASSIO

De fato ela é perfeita.

IAGO

Que tenham lençóis felizes!... Vamos, tenente, eu te-
nho um garratão de vinho, e aqui fora há um par de

quer outro meio que te agrade, segundo o momento
propiciar.

RODRIGO

Esta bem.

IAGO

Senhor, ele é esquentado, zanga-se num repente, e tal-
vez te atinja com seu bastão de comando. Provoca-o a
fazê-lo; pois, só com isso, eu consigo fazer os cipriotas
se revoltarem, e não ficam satisfeitos senão com a
demissão de Cassio. E assim será mais curto o teu cami-
nho para os teus desejos, pelos meios que eu terei, en-
tão, para promovê-los, sendo removido com grande
proveito esse obstáculo, sem o que não teremos espe-
ranças de prosperarmos.

RODRIGO

Eu o farei, se encontrar qualquer oportunidade.

IAGO

Com o meu apoio. Encontra-me daqui a pouco na ci-
dadela. Eu tenho de desembarcar a tralha dele. Adeus.

RODRIGO

Adeus. (Sai.)

IAGO

Que Cassio a ame, bem que eu acredito;
Que ela a ele, acho bem plausível.

O Mourto (mesmo que eu não o suporte)

E de si nobre e constante no amor,

E aposto que será, para Desdêmona,

Um marido querido. A ela eu amo,

disfarçada luxúria imoral: um crápula escorregadio e
sutil, um descobridor de oportunidades; com um olho
capaz de criar e forjar vantagens, quando não tiver van-
tagens verdadeiras; um crápula diabólico! Além do
quê, o crápula é bonito, jovem, com todos os requisi-
tos que as cabeças verdes e tolas procuram. Um crápula
pestilento e total; e a mulher já está de olho nele.

RODRIGO

Não acredito nisso: o comportamento dela é dos mais

abençoados.

IAGO

Abençoado uma figa! O vinho que ela bebe é feito de
uvas. Se fosse abençoado, ela jamais teria amado o
Mourto. Não viste ainda agora como ela alisava a palma
da mão dele?

RODRIGO

Notei, sim; mas foi só por cortesia.

IAGO

Juro que foi por luxúria! Indício e obscuro prelúdio de
uma história de luxúria e pensamentos sórdidos. Seus
lábios chegaram tão perto que seus hábitos se abraça-
ram. Quando tais simpatias mútuas abrem o caminho,
logo, logo, chega a atividade maior e principal, a con-
clusão corpórea. Deixa-te guiar por mim. Eu te trouxe
de Veneza. Fica de guarda esta noite; para tua informa-
ção, Cassio não te conhece. Eu não estarei longe de
onde estiveres. Encontra algum meio de irritar Cassio,
seja por falar alto, por desprestigiar a disciplina, ou qual-

É verdade.

CASSIO

Ele a toma pela mão. Isso, muito bem, segrede. Com uma teiazinha dessas eu apanho uma mosca do tamanho de Cassio. Isso, sortia um pouco mais para ela. Vou enredá-lo em sua própria corte. Disse a verdade? É isso mesmo. Se truques como esses o privarem de sua tenente, teria sido melhor que não bejasse seus próprios dedos tantas vezes, como irá fazer já de novo, para ser cavalleiro. Muito bem; beijou bem, vai bem a corte! De novo os dedos nos lábios? Para você, seria melhor que fosses elisteres! (*clarinada*) O Mourão! Começo o toque!

IAGO (*à parte*)

É grosseiro, senhora, em seu falar; há de apreciá-lo mais como soldado do que como intelectual.

CASSIO

Mas que final capenga e impotente! Não aprenda com ele, Emília, embora seja seu marido. O que diz, Cassio; ele não é um conselheiro profano e abusado?

DESDEMONA

Dar de mamam e falar de costura.

IAGO

Para fazer o quê?

DESDEMONA

Essa, sim, se existiu foi criatura. E aos que a seguíam nunca deu olhada;

Logo depois

DESDEMONA

Pois vamos recebê-lo.

CASSIO

Lá vem ele!

(*Entra Otelo, com séquito.*)

OTELO

Minha bela guerreira!

DESDEMONA

Otelo amado!

OTELO

É com tanta alegria quanto assombro

Que eu te vejo, alegria da minha alma!

Se toda tempestade traz tal calma,

Que os ventos soprem acordando a morte,

E que os cascos escalam montes de água

Até o Olimpo, pra afundar tão longe

Quanto o inferno do céu. Morrer agora

Seria o auge da felicidade,

Pois temo que minha alma ora alcance

Nível tão alto de contentamento

Que outro momento tão confortador

Não apareça no porvir.

DESDEMONA

Que os céus

Permitam que eles e o amor só cresçam

Até nossa velhice.

*De uma Cássia e James
e o Desdemona*

A riqueza da nau está em terra!
Homens de Chipre, agora, de joelhos!
Salve, Senhor! E que a graça divina
Na frente, atrás, por todo lado enfim,
Sempre a envolva!

DESDÊMOMA

Obrigada, bom Cassio.
Que novas pode dar-me de meu amor?

CASSIO

Que esteja em terra eu não tenho notícia;
Só que está bem, e que vai chegar breve.

DESDÊMOMA

Mas temo... Como foi que se perderam?

(FORA)

"Uma vela! Uma vela!"

CASSIO

A grande luta entre o mar e o céu
Nos separou. Mas, ouçam! Uma vela!

CAVALHEIRO 2

São dando salvas para a cidadela;
E amigo, também.

CASSIO

Eu digo o mesmo.

Bem-vindo, Alferes. (para Emilia) Bem-vinda, senhora.

Não se deixe irritar, meu bom Iago,
Por meu gesto excessivo. São meus modos

Que me fazem ousar na cortesia. (Beija Emilia.)

*Concedendo que
Cassio
é
"perseguido"*

Senhor, se ela lhe desse em lábios
Tudo o que me dá em língua,
Acharia bastante.

CASSIO

Ela nem fala!

IAGO

Fala até demais

Pro meu gosto. Quando quero dormir,
Ela reflete, com a mão no coração,
E só pensando castiga.

EMILIA

Você não tem motivos pra dizê-lo.

IAGO

Eu sei. Na rua são como retratos;

Na sala, sinos; na cozinha, feras.
Santas se ofendidas, demos na ofensa.
Na casa brincam, o ofício é na canna.

DESDÊMOMA

Mas que vergonha, caluniador!

IAGO

Pois eu sou turco, se não for verdade.

De pé, só brincam; trabalham detadas.

EMILIA

Só não quero que seja quem me faça

O elogio.

Muito Bom!

O vasto mar batido pelo vento
Jorra água na Ursa flamejante,
Qual querendo apagar o pólo fixo;
Eu jamais vi igual perturbação
No mar revoltado.

MONTANO

Se a esquadra turca
Não tiver arribado, naufragou;
É impossível que enfrente isto.

(Entra o Cavalleiro 3.)

CAVALHEIRO 3

Novas, senhores; terminou a guerra.
A tempestade bateu tanto nos turcos
Que interrompeu seus planos; outra nau
Veneziana viu os graves danos
Em quase toda a frota.

MONTANO

Isso é verdade?

CAVALHEIRO 3

A nau já está no porto;
É uma nau leve, e Michele Cassio,
Tenente do guerreiro mouro Otelo,
Desembarcou: o Mouro está no mar,
E com plenos poderes vem pra Chipre.
MONTANO

Alegro-me. É um governador de mérito.

Mas o tal Cassio, apesar do conforto
Das perdas turcas, tem aspecto triste,
Reza pro Mouro estar em segurança,
Pois separaram-se na violência
Da horrenda tempestade.

MONTANO

(Queria Deus,

Pois já servi com ele, que comanda
Como bom militar. Vamos à praia!
Tanto pra ver a nave que chegou
Quanto pra procurar o bravo Otelo
Até fazermos onda e céu azul
Não mais se distinguirem.

CAVALHEIRO 3

Vamos lá,
Pois a cada minuto há expectativa
De mais chegada.

(Entra Cassio.)

CASSIO

Graças aos bravos desta grande ilha
Por honrarem o Mouro; e que os céus
Lhe dêem defesa contra os elementos,
Pois o perdi num mar tumultuado.
MONTANO

Tem boa nau?

CASSIO

É de vergas bem fortes, e o piloto

E só uma luxúria do sangue, e uma concessão da vontade. Vamos, sejas homem; afogar-te? Afogamos gatinhos e caozinhos cegos: eu me digo teu amigo, confesso-me ligado aos teus interesses com fios de força dura; e eu jamais poderia ajudar-te tanto quanto agora. Põe dinheiro em tua bolsa; vai com estas guerras, altera o teu aspecto com uma barba emprestada; eu te digo, põe dinheiro em tua bolsa. Não é possível que Descômmona continue a amar o Mouro por muito tempo... põe dinheiro em tua bolsa... e nem ele a ela; foi um começo violento, e verás um final equivalente, mas põe dinheiro em tua bolsa... Esses mouros são inconsistentes em seus desejos... enche a tua bolsa de dinheiro. A comida que para ele agora é tão deliciosa quanto a caroba, daqui a pouco lhe parecerá amarga como jiló. Ela terá de trocá-lo pela juventude. Quando ela estiver saciada do corpo dele, descobrirá o erro de sua escolha. Ela vai precisar de uma mudanga; vai ser preciso. Portanto, põe dinheiro em tua bolsa. Se quiseres danar-te, procura meio mais delicado que o afogamento; arranja todo o dinheiro que puderes. Se uma cerimônia e um juramento fraco entre um bárbaro errante e uma veneziana super-requintada não forem demais para a minha esparteza unida a todos os tribos do inferno, há de gozà-la; portanto, arranja dinheiro... Dane-se o afogamento; é fora de propósito: melhor pensar em enforcar-te ao ganhar tua alegria do que em te afogares e passar sem ela.

IAGO

RODRIGO
Ficará firme com minhas esperanças?

IAGO

Tem confiança em mim... anda, vai arranjá-lo dinheiro... Já te disse muitas vezes, e te repito e repito, eu odeio o Mouro. Minha causa é forte; tuas razões não são menos; afamos juntos em nossa vingança contra ele: se lhe pões chifres, para ti será um prazer, para mim divertimento. Há muito para acontecer no ventre do tempo, que será partido. Anda, vai, arranja dinheiro, amanhã falamos mais. Adeus.

RODRIGO

Onde nos encontramos de manhã?

IAGO

Onde estou alojado.

RODRIGO

Irei logo cedo.

IAGO

Anda, vai; até... comprehendes, Rodrigo?

RODRIGO

O que foi?

IAGO

Nada mais de afogamentos; viste?

RODRIGO

Mudei de idéia.

Eu consagrei minha alma e o meu destino.
Assim, senhores, se eu ficar aqui,
Marpósia da paz, com ele na guerra,
Eu arcaei com dor o longo tempo
De sua ausência. Deixai-me ir com ele.

OTELO

Senhores, vossos votos; e eu vos rogo
Atender-lhe o pedido. Não o peço
Para atender desejos de apete;
Nem pra servir fervores ditos jovens,
Que em mim já são passados, ou pro gozo
De uma satisfação própria e correta
Mas, sim, pra star tranquillo quanto a ela;

E peço aos céus que nunca vos ocorra
Julgar que eu poderia ser relapso
Por tê-la ao lado. Não; quando brinquedos
Ou asas de cupido, com luxúria,
Tolherem-me a razão e atividade,
E o meu prazer manchar o meu trabalho,
Que o meu escudo vire fígydeira,
E que as mais sordidas adversidades
Venham manchar minha reputação!

DUQUE

Tudo será como determinarem;
Fique ela ou vá, o assunto é de urgência
E a pressa impera; parta inda esta noite.

DESDÊMOMA

Esta noite?

DUQUE

Esta noite.

OTELO

E de bom grado.

DUQUE

Pelas dez da manhã nos reunimos.
Ocelo, deixe aqui um oficial
Que há de levar-lhes nossas instruções,
Mais tudo que de honra e etiqueta
Lhe for devido.

OTELO

Senhor, o meu Alferes
É um homem honesto, confiável,
E peço que ele escolte a minha esposa,
Levando o que parece necessário
Me seja entregue.

DUQUE

Seja tudo assim.
Boa-noite a todos; meu nobre senhor,
Se a virtude bonita é em seu desvelo,
Seu genro é menos negro do que belo.

SENADOR I

Bom Mourto, adeus; cuide bem de Desdêmoma.

BRABANTIO

Se tem olhos pra ver, cuide-a, sim;
Pode enganá-lo, se enganou a mim.

(*Sacm Duque, Senadores, Officiais, etc.*)

DESDEMONA

Ouçã o que ela diz;
Se confessar que fez parte da corte,
Que a maldição me atinja, se eu a ele
Com a minha. Docura, venha cá:
De todos que aqui estão, a quem diria
Dever mais obediência?

Meu bom pai,

BRABANTIO

Eu creio que um relato como esse
Ganharia também a minha filha...
Bom Brabantio...
Faça o melhor que pode do mal feito;
Armas partidas sempre servem mais
Que mãos vazias.

DUQUE

Que era de dar pena, inensa pena;
Não o quisera ouvir, mas desejava
Que dela o céu fizesse um homem tal.
Agradeceu-me e pediu-me que, no caso
De eu ter algum amigo que a amasse,
Eu devia ensinar-lhe a minha história,
Pra cortejá-la. E eu, então, falei:
Ela me amou porque passei perigos,
E eu a amei porque senti piedade.
Foi essa toda a mágica que usei:
La ven a dama, que ela o testemunhe.

(Entram Desdémoma, Lago e Criados.)

Que eu fale em seu lugar, dando sentença
Que aos amantes ajude no caminho
De seu favor.
Quando não há remédio vai-se a dor,
Pois se encara o pior sem esperança,
Pois lamentar o mal que já passou
É quase que pedir um novo mal.

DUQUE

Deus o quis;
Pra mim acabou tudo e, Senhor Duque,
Vamos passar ao que interessa, o Estado.
É melhor adotar que gerar filhos.
Venha cá, Mourto:
Aqui lhe dou, de coração, aquilo
Que se não fosse seu, de coração,
Jamais daria. Só por você, jóia,
Alegro-me por não ter outra filha,
Pois sua fuga havia de ensinar-me
A ser cruel tirano. Já acabou!

BRABANTIO

Eu vejo aqui um dever dividido:
Devo ao senhor educação e vida,
E vida e educação me ensinaram
A respeitar quem tudo me merecc.
Até aqui fui filha mas, casada,
Tanto respeito quanto a minha mãe.
Lhe teve, preterindo assim seu pai,
Usoo afirmar que devo dedicar
Ao Mourto, meu marido.

depois me macei
falando o mesmo
a apresento
de uma e ja

E ao senhor, as mais sangrentas leis
Há sua voz de ler, em cada letra,
E como a entender, inda que a ação
Colha o meu filho.

BRABANTIO

Humilde eu agradeço.

Eis o homem, o Mourão que, parece,
Um seu mandato especial, de Estado,
Trouxe pra cá.

TODOS

Mas é de lamentar.

DUQUE (para Otelo)

O que pode dizer de sua parte?

BRABANTIO

Nada, senão que é verdade.

Reverendos senhores, poderosos,
Meus anos comprovadamente nobres:

Que a filha deste velho está comigo?

E verdade, como é que nos casamos.

O anje e a dimensão da minha ofensa

Não passam disso. Rude eu sou de fala;

Falta-me a benção das frases da paz,

Pois estes bracos, desde os sete anos

Até há nove luas, só empenharam

Suas forças agindo em campo aberto;

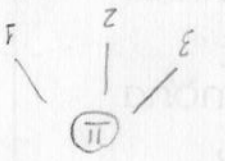
E pouco deste mundo eu sei dizer

Que não pertença a lutas e batalhas.

PRIZO

OTELO em

esclareço p. frente



E, assim, não farei bem à minha causa

Se falo eu mesmo; mas (se o permitirdes)

Eu farei o relato sem enfeites

Do curso deste amor; que drogas, ritos,

Que invocações e mágicas potentes

Teria usado (pois assim me acusam)

Pra ter-lhe a filha.

BRABANTIO

Moça recatada.

Tranquila e quieta a ponto de o mover-se

Fazê-la enrubescer; e apesar disso,

De idade, pátria, nome e tudo o mais

Vita a amar o que temia ver?

E raciocínio falso e imperfeito

Julgar que a perfeição pode errar tanto

Contra as leis naturais/ sendo nuster

Buscar nas práticas do próprio inferno

Causas pra tanto; e por isso afirmo

Que com filtros mais fortes do que o sangue

Ou com poções criadas para isso,

Ele a envolveu.

DUQUE

Afirmar não é prova,

Sem evidência clara e mais concreta;

Só trapos gastos, só contrafações

De fatos simples, deu-nos contra ele.

SENADOR 1

Mas diga, Otelo,

Por meios sub-reptícios e forçados

sem - pouco
classe de
resposta

Quarta ementa

Cena III

Venezia. Um salão no Senado.

(Entram o Duque e os Senadores, em torno de uma mesa,

Rauy
com seguito e tochas.)

DUQUE

Não vejo coerência nessas novas

Que lhes dê crédito.

SENADOR 1 *Ana B*

Não se combinam:

Nesta carta, são mais de cem galeras...

DUQUE

Nesta, cento e quarenta.

SENADOR 2 *Rueller*

Aqui duzentas.

Mas mesmo sem que somem conta certa

(E em casos de relatos como esse

Sempre há enganos) tudo isto confirma

Que uma frota dos turcos vai pra Chipre.

DUQUE

Mais que o bastante pra nos convencermos.

Não vamos iludir-nos com esses erros,

Pois as linhas gerais eu reconheço

Como gravíssimas.

MARINHEIRO *(fora)* *Rafael*

Ora! Ora!

OFICIAL *Rica*

Mensagem das galeras.

(Entra um marinheiro.)

DUQUE

Quais as novas?

MARINHEIRO

As velas turcas rumam para Rodes.

Isso me ordena que informe o Duque

O Senhor Anjo.

DUQUE

Que dizem da mudança?

SENADOR 1

E impossível;

Não faz sentido... é só manobrar falsa,

Pra enganar-nos os olhos: se pensarmos

Na importância de Chipre para os turcos,

Bastando que tornemos a lembtar

O quanto mais que Rodes lhes importa,

E quão mais fácil lhes será tomá-la,

Por não contar com recursos guerreiros,

Destruída que esta do equipamento

Que adorna Rodes. Se pensarmos bem,

Não devemos julgar que os turcos, tolos,

Deixem pra trás seu máximo interesse

E larguem o que é fácil, proveitoso,

Para apostar em um perigo inócuo.

DUQUE

Estou bem certo que não vão pra Rodes.

OFICIAL

Eis mais notícias.

CASSIO

As saudações do Duque,
Que pede, General, a toda pressa,
Sua presença.

OTELO

Mas por que razão?

CASSIO

Segundo penso, é algo a ver com Chipre;
E assunto sério, pois os galões
Já enviaram dízias de mensagens

Só esta noite, uma atrás da outra.

Muitos dos conselheiros convocados

Já estão com o Duque, e o chamam com aflição,

Pois não sendo encontrado onde se hospeda,

O senado mandou três companhias

Pra buscá-lo.

OTELO

Foi sorte ver-me a sua;

Eu só direi uma palavra em casa

E o acompanho. (Sai.)

CASSIO

O que faz ele aqui?

IAGO

Abordou esta noite uma carraca

Que se for presa fiel o faz pra sempre.

CASSIO

Não entendo.

IAGO

Cason-sc.

CASSIO

Mas, com quem?

(Entra Otleo.)

IAGO

Ora, com... vamos, Capitão?

OTELO

Stou pronto.

CASSIO

Já vem por lá mais gente a procura-lo.

(Entram Brabantio, Rodrigo e outros, com tochas e armas.)

IAGO

General, é Brabantio; fique alerta.

Pois têm más intenções.

OTELO

Alto, quem vem!

RODRIGO

É o Mouro, senhor.

BRABANTIO

Pega o ladrão!

Ambas as partes tiram as espadas

IAGO

Vem, avança, Rodrigo; tu és meu!

Se ela estiver no quarto, ou nessa casa,
A justiça do Estado eu presto contas

*prestamente
com audacia*

Por tal engano.

BRABANTIO

Acendam logo o fogo!

Dêem-me uma tochal! Chamem minha gente!

Isso não deixa de lembrar meu sonho,

E por crer nele já me sinto opresso.

Luzes, eu disse!

IAGO

Adeus, devo deixar-te.

Não convém, nem é bom para o meu posto,

Ser apanhado como oposto ao Mouro,

Como seria aqui; pois sei que o Estado,

Embora o reprenda por seu ato,

Não tem como afastá-lo, em segurança,

Já que o embarcam, com o mais alto aplauso,

Para as guerras de Chypre que, inda agora,

Recrudescem; e nem por suas almas

Terão alguém de igual invejadura

Pra lidar sua causa. Sendo assim,

Embora eu o odeie como o inferno,

Devo enfeitar-me com os sinais do afeto,

Sinais, apenas. Pra encontrá-lo logo,

Conduz a busca ao Sagitário,

Onde estarei com ele. Agora, adeus. (Sai.)

BRABANTIO

O mal é verdadeiro, ela se foi:

E o que virá do tempo que me resta

Não passa de amargura. Diz, Rodrigo,

Aonde a viste? (Filha desgraçada!)

Disseste o Mouro? (Para que ser pai?)

Como soube que é ela? (Me enganaste

Mais que nem sei!) Que disse ela? Tochas!

Chamem os meus; será que estão casados?

RODRIGO

Em verdade, eu o creio.

BRABANTIO

Oh, cêus! Como saiu? Traição do sangue!

Que nunca mais um pai julgue saber

O que pensam os filhos por seus atos.

Não há encantos pelos quais se abuse

Da virgindade? Sabes tu, Rodrigo,

Se há coisas assim?

RODRIGO

Já li que sim, senhor.

BRABANTIO

Oh, meu irmão! Antes fosse ela tua!

Umás dão certo, outras não. Mas não sabes

Onde a encontraremos, com o Mouro?

RODRIGO

Creio que a encontrarei, se lhe aprouver

Chamar a guarda e vir junto comigo.

BRABANTIO

Por favor, guia-me. Não há morada

Onde eu não peça, e até comande, auxílio.

RODRIGO Mas que sorte total tem o beijudo, Se ganha esta!

IAGO

Vai! Desperta o pai!

Provoca-o, envenena o seu prazer,

Acusa-o pelas ruas, chama os primos,

E mesmo que ele viva em clima ameno,

Cobre-o de moscas; se estiver feliz,

Propicia mudanças vexatórias

Que empalideçam tudo.

RODRIGO Essa é a casa do pai. Eu vou chamar.

IAGO

Chama com o grito assustador e agudo

Igual ao que, na noite, de um descuido,

Nasce o do fogo nas cidades grandes.

RODRIGO

Ola, Brabantio! Ola, senhor Brabantio!

IAGO

Pega ladrão! Brabantio! Acorda, acorda!

Olha a casa, olha a filha, olha os teus cofres!

(Brabantio aparece ao alto, em uma janela.)

BRABANTIO

Qual a razão de tal clamor terrível?

O que é que houve?

RODRIGO Senhor, sua família está em casa?

IAGO

Trançou as portas?

BRABANTIO

Mas por que perguntam?

IAGO

Foi roubado, senhor; vista o casaco.

Seu coração partiu, sua alma foi-se;

Neste momento um bode velho e preto

Cobre a sua ovelhinha; venha logo.

Vá despertar com o sino os que dormiam,

Senão o demônio vai fazê-lo avô.

BRABANTIO

Levante logo.

O que? Estão insanos?

RODRIGO

Reverendo senhor, sabe quem fala?

BRABANTIO

Eu, não; quem é?

RODRIGO

O meu nome é Rodrigo.

BRABANTIO

E és mal-vindo.

Mandei que não rondasses minha porta;

Em linguagem bem clara eu já te disse

17



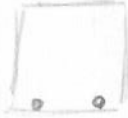
Trunks outwards
 ②
Trunks outwards
 ②
 ②
 ②

como a novo do lado da hora
 Fico 100% p funk

Be e Boys dirigem-se para a casa depois de falar com o pai

na casa de Amenda e logo seguindo a manada.
 Amenda e logo para no parage da Amenda.

Ato I



Cena I

Veneza. Uma rua.

(Entram Rodrigo e Iago.)

RODRIGO

Não digas isso; e eu sinto-me ofendido

Que tu, Iago, que da minha bolsa

Controlas os cordões, subesses disso.

IAGO

Mas, diabo, será que não me ouves?

Se algum dia sonhei com uma tal coisa,

Odeia-me.

RODRIGO

Tu me disseste que o odiavas.

IAGO

Despreza-me se não: três grandes nomes

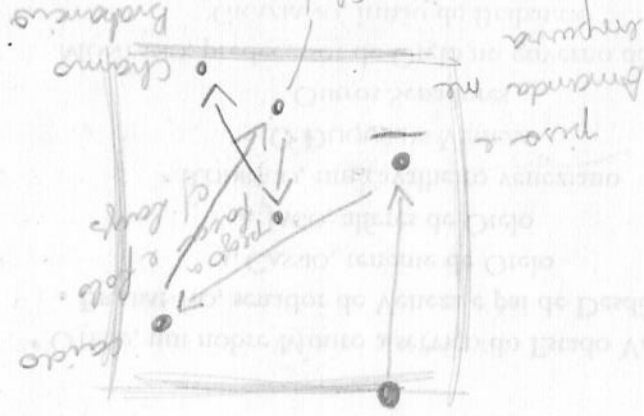
Da cidade, pra ver-me seu tenente,

Suplicaram por mim; e tenho fe

Que sei meu preço e que meço o posto.

Mas ele, só pensando em seus caprichos,

Escapa-lhes, com pompa e muita argúcia,



pela mesquinaria de um Iago, que se sente preterido e quer o posto de Cássio.

Otelo, o mouro que vive em Veneza, não pode lutar contra seus valores absolutos, mais característicos de culturas mais primitivas: ele age segundo suas convicções, sem investigar a procedência das acusações a Cássio e, a seguir, a Desdêmona. E como os mais clássicos heróis trágicos, aprende pelo sofrimento; graças à influência de Sêneca sobre a dramaturgia elisa-betana, Otelo tem um grande momento de seriedade antes da morte. Como acontece em todas as grandes obras de Shakespeare, o que cada uma nos oferece torna irrelevante tentar saber se qualquer delas é a melhor ou maior.

Barbara Heliodora

Infelizmente, em *Otelo*, o amor idealizante assim nascido de ter tempo de se solidificar através de um melhor conhecimento entre o maduro guerreiro e a ingênua e inexperienced

quase adolescente.

Toda a tragédia, tal como Shakespeare a concebeu, só poderia acontecer exatamente nessas circunstâncias, isto é, afir-

tando um relacionamento de romantismo tão exacerbado, e em função do próprio caráter do protagonista: do mesmo modo que o *Hamlet* que o precedeu, *Otelo*, ainda reflete al-

guns aspectos de *Júlio César*, a quase tragédia que faz a ponte entre a grande fase das peças históricas e o esplendor do período trágico. Hamlet era um reflexivo, como Brutus, en-

quanto Otelo, também como Brutus, é de tal modo inteiro quanto Otelo, também como Brutus, por isso acaba que não lhe ocorre que os outros não o sejam, e daí resulta-

bam por tomar por verdade a simples aparência da integridade; quando Iago acusa Desdêmona de infidelidade, não ocorreria sequer a um homem como Otelo a possibilidade de

alguém efetivamente mentir a respeito de assunto tão sério — exatamente como jamais ocorreu a Brutus que os que conspiravam contra César não fossem tão puros e idealistas quanto

ele mesmo era em relação às suas convicções republicanas.

Muito se tem escrito a respeito de uma suposta ausência de motivo para as ações de Iago — já que Shakespeare abandonou completamente a idéia de ele ser um amante rejeitado; mas não me parece justo afirmar que ele age sem motivo, só pelo prazer do mal pelo mal. Sem dúvida Iago tem um caráter negativo, máfelo; mas é possível que o aspecto mais doloroso da tragédia seja justamente o da destruição de um Otelo

UNI
N.º
V.
TO
TO
PR
PR
C []
PR
PR
DA
N.º

© 1999, by Barbara Heliodora
(Heliodora Carneiro de Mendonça)

Editora Nova Aguilhar S.A.

Rua Dona Mariana, 205 - casa 1

Botafogo - 22280-020 - Rio de Janeiro - Brasil

e-mail: naguilhar@casynet.com.br

Victor Burton

Capa:

CIP-BRASILE. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S539o

Shakespeare, William, 1564-1616

Otelo, o mouro de Veneza / William Shakespeare :

tradução de Barbara Heliodora. - Rio de Janeiro :

Lacerda Ed., 1999

Tradução de: Othello, the Moor of Venice

ISBN 85-7384-025-0

1. Teatro inglês (Literatura). I. Heliodora, Barbara.
II. Título.

98-1759

CDD 822

CDU 820-2

Introdução

Segunda das "quatro grandes" tragédias, *Otelo* data de 1603 ou 1604 (a 1 de novembro é documentada apresentação na corte), e a seu respeito já foi dito que, mesmo não sendo a maior peça de Shakespeare, ela seria sem dúvida a melhor, do ponto de vista da construção dramática. Escorregia, a obra é totalmente centrada no único tema da confrontação entre a inabalável integridade do Mouro e a malévola mesquinharía de Iago. Em *Hamlet* temos os paralelos de Laertes e de Fortinbras; em *Macbeth* o destino da própria Escócia, em termos do que fazem Malcolm e McDuff, por exemplo, contrasta-se com o do usurpador; e em *Rei Lear* toda a trama em torno de Gloucester e seus filhos é um constante contraponto com a linha principal que trata do próprio rei. Mas em *Otelo* não existe um único episódio que não seja diretamente relacionado ao general mouro que luta em nome de Veneza. A tragédia é, entre outras coisas, mais um exemplo da capacidade de Shakespeare para transformar tramas de obras alheias em textos absolutamente originais, de conteúdo e significados bem distintos dos da fonte. Shakespeare encontrou a trama de *Otelo* em uma *novella* do *Hecatommithi*, uma popular coletânea de contos de Giovanni Battista Giraldi, chamado Cinthio. Desse original apenas um nome é usado por Sha-

Primeiro filho homem de John e Mary Shakespeare, William foi batizado no dia 26 de abril de 1564, na Igreja da Santíssima Trindade, em Stratford-upon-Avon. Por tradição, diz-se que nasceu no dia 23. Prosperando o pai, fabricante de luvas que chegou a prefeito da cidade, William deve ter estudado no grammar school local (1º e 2º graus), que era gratuito e tinha sempre bons professores. Lá aprendeu muito latim e conheceu os clássicos. Não sendo prevista a sua fama futura, ninguém guardou dados detalhados sobre sua infância ou primeira juventude. Casou-se aos dezoito anos com Anne Hathaway e teve três filhos: Susanna e depois, os gêmeos Hamnet e Judith. O menino morreu aos onze anos. Por volta de 1588, foi para Londres, deixando a família em Stratford, para onde voltava com frequência, e onde aplicava todo o dinheiro que ganhava. Não se sabe exatamente quando começou a escrever para o teatro, mas já fazia sucesso em 1592, quando Robert Greene escreve violento ataque contra ele, por ser um ator a querer escrever versos, embora não tenha frequentado a universidade. Quando uma epidemia de peste fechou os teatros, entre 92 e 94, Shakespeare escreveu dois longos

Otelo,
O Mouro de Veneza



1010532509



822.33 Sh150

